

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRODUÇÃO CULTURAL

RAQUEL LYRA E SILVA

UMA VOLTA PELO SETOR SUL DE GOIÂNIA

NITERÓI
2017

RAQUEL LYRA E SILVA

UMA VOLTA PELO SETOR SUL DE GOIÂNIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Produção Cultural, como requisito parcial para conclusão do curso.

Campo de Confluência: Cultura e Comunidade

Orientador:
Prof. Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues

Niterói, RJ
2017

RAQUEL LYRA E SILVA

UMA VOLTA PELO SETOR SUL DE GOIÂNIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Produção Cultural, como requisito parcial para conclusão do curso.

Campo de Confluência:

Aprovada em 22 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues - UFF
Orientador

Prof. Me. Luiz Carlos Mendonça – UFF

Prof. Marcelo Silveira Correia – UFF

Niterói
2017

À minha querida Goiânia, por me inspirar e aquecer meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Gene e Hamilton, por todo o amor, carinho e apoio que me deram durante toda a minha graduação e por sempre me incentivarem a seguir os meus sonhos.

Agradeço a todos e todas as professoras da Universidade Federal Fluminense e University of West Indies, em especial ao professor Luiz Augusto Rodrigues, meu orientador, por se dedicarem a espalhar o conhecimento. Em tempos difíceis para a Universidade pública brasileira, o trabalho dos professores se torna mais árduo, porém tive o privilégio de encontrar mestres e doutores que sempre lutam pela continuidade e melhora da universidade pública, gratuita e laica.

Agradeço aos entrevistados, que dispuseram de seu tempo para me auxiliar a construir esse trabalho.

Agradeço aos meus familiares e amigos, que me apoiaram nos bons e maus momentos, especialmente minha avó e minha tia por estarem sempre ao meu lado, e a minha amiga de infância, Sarah, por ter me ajudado a escolher o tema desse trabalho.

Agradeço à equipe do Centro de Artes, local onde fui estagiária durante grande parte da minha graduação, por me guiarem nesse universo da Produção Cultural.

A vida me ensinou a sorrir dos descaminhos. Afinal, são sempre eles que nos levam aos lugares mais desejados...

Virgínia Mello

RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo estudar e analisar o Setor Sul, bairro da Cidade de Goiânia, e as relações entre a comunidade e o espaço, tendo como base os espaços culturais e de lazer presentes no bairro. O trabalho inicia trazendo um levantamento histórico sobre o estado de Goiás, a cidade de Goiânia e o Setor Sul. Após o apanhado histórico, foram apresentados alguns conceitos e definições nos quais o trabalho será baseado. As noções de modernidade, lugar e identidade são essenciais para esse estudo. Para sua realização foram feitas pesquisas bibliográficas com o intuito de compreender como o Setor Sul se tornou um polo de espaços culturais e como é a relação desses espaços com: o Setor Sul, o público e os moradores. Foram feitas entrevistas com frequentadores, produtores culturais e moradores do Setor Sul, além da realização de visitas a campo. A pesquisa visa contribuir para a percepção de que um produtor cultural, por ter uma ampla formação, tem o potencial para auxiliar na criação de projetos que busquem o desenvolvimento da cidade, possibilitando a melhoria do espaço e da interação na comunidade.

Palavras-chave: Setor Sul. Goiânia. Espaços Culturais. Lugar. Identidade. Alternativo.

ABSTRACT

The purpose of this research was to study and analyze the Setor Sul, a neighborhood in the city of Goiânia, and the relations between the community and the space, based on the cultural and leisure spaces present in the neighborhood. The research begins with a historical survey of the state of Goiás, the city of Goiânia and the Setor Sul. After the historical survey, the concepts and definitions, that the research will be based on, were presented. The notions of modernity, place and identity are essential for this study. To the accomplishment of this study, bibliographical research was done and to understand how the Setor Sul became a pole of cultural spaces and how is the relation of these spaces with: the Setor Sul, the public and the residents; interviews were conducted with visitors, cultural managers and residents of the Setor Sul, as well as visits to the field. The research aims to contribute to the perception that as the cultural managers have a broad training, they have the potential to help in the creation of projects that seek the development of the city, enabling the improvement of the space and the interaction in the community.

Keywords: Setor Sul. Goiânia. Cultural spaces. Place. Identity. Alternative.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO...	10
CAPÍTULO I.....	12
1.1 HISTÓRIA DE GOIÁS.....	12
1.1.1 <u>A decadência de Goiás</u>	12
1.1.2 <u>A economia goiana</u>	15
1.1.3 <u>A política goiana</u>	17
1.1.4 <u>A Revolução de 30</u>	20
1.2 GOIÂNIA: UMA NOVA CAPITAL.....	21
1.2.1 <u>Localização da capital</u>	21
1.2.2 <u>A busca pela modernidade</u>	22
1.2.3 <u>Construindo uma nova cidade</u>	23
1.3 SETOR SUL E A TENTATIVA DE UMA CIDADE-JARDIM.....	24
CAPÍTULO II.....	28
2.1 CONCEITOS E DEFINIÇÕES.....	28
2.1.1 <u>A modernidade</u>	28
2.1.2 <u>A noção de lugar</u>	32
CAPÍTULO III	37
3.0 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E O PODER PÚBLICO	37
3.1 OS ESPAÇOS CULTURAIS E DE LAZER NO SETOR SUL	39
3.2 A OMISSÃO DO PODER PÚBLICO NO SETOR SUL	41
3.4 PÚBLICO ALVO	43
3.5 “DE PERTO E DE DENTRO” E “DE FORA E DE LONGE”: DEFINIÇÕES PARA UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA	44
3.6 CONCEITO DE IDENTIDADE	48
3.7 AS CATEGORIAS E A IDENTIDADE NO SETOR.....	50
CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE, p. 54	
ANEXOS, p. 56	

INTRODUÇÃO

Cidades passam por transformações constantemente, Goiânia não é uma exceção. Apesar de ser uma cidade nova e planejada, construída com ideias modernistas, já sofreu grandes transformações e várias das concepções iniciais não são mais vistas na cidade. Goiânia começou a ser construída em 1933, sob o comando do então interventor do estado Pedro Ludovico Teixeira, para se tornar a nova capital do estado de Goiás. O intuito dessa construção era impulsionar o desenvolvimento e a habitação do Centro-Oeste do país, uma política nomeada “Marcha para o Oeste”, desenvolvida pelo governo de Getúlio Vargas. Quando foi projetada pelo arquiteto Atílio Corrêa Lima, a expectativa era de a cidade abrigar somente 50.000 habitantes. Atualmente, Goiânia é a segunda cidade mais populosa do Centro-Oeste; menor apenas que Brasília, e é a décima segunda maior cidade do país. Nesses 84 anos, a cidade já passou por grandes transformações, jamais imaginada por seus fundadores. Este trabalho tem o intuito de investigar uma recente transformação ocorrida em um dos bairros mais antigos da cidade: o Setor Sul.

O Setor Sul fazia parte da segunda etapa do projeto original do arquiteto Atílio Corrêa, que contava com dois setores destinados a residências. Para a revisão desse projeto, a empreiteira contratou o engenheiro Armando Godoy. No entanto, Godoy tinha uma opinião diferente sobre o Setor Sul criado por Atílio Corrêa. Godoy recriou o projeto seguindo o modelo da “cidade jardim”. Nesse novo projeto, a entrada principal das residências ficava em ruas estreitas voltadas para uma vasta área verde na frente das casas, enquanto os fundos eram voltados para ruas mais largas. As obras continuaram seguindo as orientações de Godoy. Porém, com o crescimento da cidade, essa característica urbanística do Setor Sul foi se perdendo. Começaram a construir as fachadas das casas voltadas para as ruas mais largas, vários lotes foram divididos e as áreas verdes ficaram esquecidas e abandonadas. Mesmo com diversas iniciativas - como o projeto CURA (comunidade urbana para recuperação acelerada) - para a sua reestruturação, nenhuma delas conseguiu fazer o bairro se encaixar nos moldes da “cidade jardim”.

Recentemente, as transformações desse bairro não estão mais se restringindo ao campo do urbanismo. Um bairro que por anos foi em sua maior parte residencial, atualmente tem se tornado um local com diversos de espaços culturais. Apesar de vir sofrendo diversas transformações há muitos anos, nos últimos a produção cultural tem sido uma grande responsável por essas mudanças no Setor Sul. Grandes muros têm dado espaço a grafites,

várias produtoras criaram suas sedes entre as diversas praças do setor, o número de galerias de arte e espaços tem aumentado. Através dessas constatações, surgiu o interesse em realizar um trabalho para investigar como a cultura vem ressignificando o bairro.

Ressignificações dos espaços urbanos acontecem constantemente em diversas cidades, em todo o mundo. É um processo comum, já que as pessoas que ocupam o espaço estão em constante transformação. O que agradou uma geração pode não agradar ou não ser suficiente para a próxima. As transformações na cidade são um reflexo da sociedade. Logo, o questionamento que gira em torno desse trabalho não é somente o porquê de ressignificar um bairro, mas também buscar o motivo pelo qual essa inserção de espaços culturais aconteceu nesse bairro específico, o que atraiu os agentes culturais para esse bairro.

Esse trabalho fará uma viagem ao tempo, falando um pouco sobre a história do estado de Goiás e a construção de Goiânia. O apanhado histórico servirá para contextualizar a criação da nova capital do estado e como isso se deu. Resgatar um pouco da história do estado é importante para entender por que algumas escolhas foram tomadas, sendo uma delas a construção do Setor Sul com tendências modernistas. Após a explicação da parte histórica, o trabalho trará algumas noções essenciais para a discussão das relações entre a sociedade e o espaço. Por último, através de entrevistas e pesquisas de campo, o trabalho apresentará paralelos entre as definições apresentadas e estudadas no decorrer desse texto. Ao investigar um local que está passando por transformações é necessário investigar como se dão as relações entre os indivíduos e o espaço, além disso é preciso olhar para a relação entre as diferentes pessoas que ocupam o mesmo território. Descobrir como são as relações entre a comunidade local, e da cidade como um todo com o espaço, quais são os principais dilemas e como os problemas estão sendo tratados; são alguns pontos essenciais que esse trabalho buscará apontar.

CAPÍTULO I

1.1 HISTÓRIA DE GOIÁS

O território que hoje constitui o estado de Goiás, apesar de já ter ocupação anterior, passou a ter mais registros históricos com a chegada dos bandeirantes. “A procura de índios e os indícios de existência de ouro em Goiás fizeram com que inúmeras bandeiras penetrassem em terras goianas, em busca da ambicionada mão de obra e da potencial riqueza” (CHAUL, 2001, p. 33). Uns dos primeiros registros das terras goianas são de 1592, quando Sebastião Marinho adentrou nas proximidades do Rio Tocantins. No entanto, o povoamento só se intensificou no início do século XVIII, após a empreitada de bandeirantes para o interior do Brasil. Bartolomeu Bueno foi um dos primeiros bandeirantes a adentrarem em terras goianas. A partir de então, as minas de ouro encontradas pelos bandeirantes começaram a ser exploradas e a população começou a aumentar, chegando em 1726 com a fundação do Arraial de Sant’Anna, que viria a se tornar Vila Boa de Goiás, capital da futura capitania de Goiás. Em 1734 foi criada a capitania de Goiás, se tornando um território incorporado pela coroa portuguesa; até essa data o território pertencia à capitania de São Paulo, mas com a efervescência da mineração criou-se a capitania de Goiás. Em 1737, a cidade de Vila Boa se tornou a capital do estado de Goiás. O apogeu da produção aurífera em Goiás ocorreu na década de 1750. A partir da década de 1770, iniciou um declínio cada vez maior nas atividades ligadas à mineração. Na década de 1820, a produção de ouro na região era quase inexistente.

Como principais razões apresentadas, para se entender o declínio da mineração em Goiás, estão as técnicas rudimentares de extração e exploração das jazidas (ouro de aluvião), a falta de braços para uma exploração mais intensa das minas, a carência de capitais e uma administração preocupada apenas com o rendimento do quinto. Assim, todo o potencial da Capitania era canalizado para a exploração do ouro, o que encarecia, cada vez mais, os bens de primeira necessidade. (IBID, p.35).

1.1.1 A decadência de Goiás

No livro “Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade”, o autor Nasr Fayad Chaul (2001) faz uma análise sobre a ideia de decadência que a historiografia de Goiás passa. Após o fim do apogeu da era aurífera, grande parte dos

relatos históricos, desde relatórios governamentais até cartas e diários, retrata Goiás como um território em decadência. Chaul (2001, p. 76) mostra que o termo “decadência” tem sido usado de uma maneira equivocada, “além da carência de pesquisa sobre o século XIX em Goiás, há um equívoco secular em que se mesclou e associou a decadência do ouro com a própria Província”. Após o fim da era aurífera, Goiás passou por uma transição na sua economia - que deixou o ouro para trás e começou a se basear na agropecuária. Apesar de ser considerado um período de decadência, que vai desde o fim do século XVIII até o início do Império, pela historiografia goiana durante esse período a população de Goiás cresceu e vários povoados foram criados. No entanto, nos documentos, jornais, peças artísticas, entre outros registros, a ideia de decadência é a que prevalece.

Um dos mais constantes elementos simbólicos presentes na historiografia goiana, dando margem a outros sinônimos interpretativos, como, por exemplo, a questão do atraso, por meio da qual se interpretou boa parte da Primeira República em Goiás e abriram-se as possibilidades para se pensar na sua antítese ao longo dos anos 30: a ideia de modernidade (IBID, p.78).

Chaul (2001) aponta que para a maioria dos autores a ideia de decadência foi fruto da vitimização da região, “visão repassada, em grande parte, pelas autoridades do período, com variados fins, entre eles o de ampliar os recursos destinados pela Corte à Província” (p.78). Os documentos oficiais passavam a ideia de uma região que ficou pobre após a decaída das minas de ouro, por isso precisava de mais investimentos. O isolamento era um grande problema e um dos maiores empecilhos para o desenvolvimento da região, de acordo com a historiografia, com o desprezo da Coroa portuguesa, logo a ideia de decadência estava inserida na história: “a vitimização e o isolamento passaram a ser faces de uma mesma moeda sem aceitação na Corte lusitana, perdendo seus simbolismos para um valor maior, capaz de expandi-los: a decadência” (p.79). Outro ponto importante é destacar quem eram os personagens responsáveis por narrar os fatos históricos nesse período em que a ideia de decadência foi criada.

Temos que ter em conta que as vozes que entoaram os cânticos da vitimização eram quase sempre estrangeiras, pessoas ligadas à burocracia provincial ou à Igreja [...], desejosos homens que queriam ver o ‘progresso’ em Goiás com os mesmos olhos que haviam visto o desenvolvimento das terras d’além-mar. (CHAUL, 2001, p.78).

É possível perceber, com essa citação, que grande parte dos registros históricos que

criaram a ideia de decadência veio de uma parcela seleta da população. Em documentos que mostram como era a vida da maior parte da população é possível perceber outra realidade. Os portugueses e estrangeiros, que estavam acostumados com outra cultura, viam os goianos como preguiçosos e parados no tempo.

É preciso considerar que uma economia agrária pautada pela agricultura e pela pecuária extensiva dispensa o trabalho diário [...] para o europeu, vindo de um mundo capitalista, era impossível perceber que o goiano do século XIX, antes de ser indolente, era um trabalhador condicionado pelo estágio em que se encontrava o modo pelo qual produzia os bens necessários para sua sobrevivência. (IBID, p. 80).

Aos olhos dos estrangeiros, o modo de vida do goiano era um dos motivos da decadência da província, mas a realidade é que a grande parte da população tinha uma vida tranquila, com todas as necessidades básicas garantidas, “para o povo, o cotidiano de sua realidade bastava e satisfazia suas necessidades básicas diante do resumido universo de possibilidades ofertadas pela Capitania e, posteriormente, pela Província” (IBID). Chaul traz em seu livro pedaços do “Relatório da Câmara de Santa Luzia”, documento que relata a situação do local. É possível perceber que a situação do local era boa para a comunidade, diferente do que é mostrado em outros documentos.

Sobre a segurança individual, afirmava ser satisfatória em todo o município. Atestava também que o estado das três igrejas do município era bom [...] e que não faltava ao povo devoção, zelo e sentimento religioso. Apesar de referendar o que o estado sanitário ficava a desejar, sujeitando a salubridade pública a sérios perigos, o relatório aproveitava para inserir em seu rol reivindicações a construção de um cemitério, ação que se entendia capaz de diminuir o problema. (IBID, p.81).

Com tudo isso, é admissível concluir que a ideia de decadência de Goiás, após a era aurífera, foi criada por um pequeno grupo de pessoas e acabou sendo repassada para a historiografia do estado. Quando a realidade é que Goiás era um local apenas isolado e pacato. Não houve mudanças radicais na economia e na política após a transição da era do ouro para a agricultura. A ideia de decadência gerou a noção de um local atrasado, fazendo com que Goiás fosse visto como um local insignificante, tanto pela Coroa Portuguesa como pelo governo federal. Sobre a ideia de atraso, é importante salientar que essa visão era reforçada pelas oligarquias, pois esse distanciamento do resto do país era interessante para os coronéis continuarem com o poder absoluto sobre as terras goianas.

1.1.2 A economia goiana

A agricultura e a pecuária sempre fizeram parte da economia goiana. Na época da mineração ficaram como atividades secundárias, mas após o fim da era do ouro essas atividades se tornaram a base da economia. Após o esgotamento do ouro, a pecuária se tornou uma das principais atividades econômica de Goiás. Como a topografia do cerrado era propícia para a criação de gado, ele se multiplicava sem grandes esforços e havia mais facilidade de transportar o produto, logo a pecuária teve um papel de grande responsável em evitar a falência e o despovoamento de Goiás após o fim da mineração do ouro. Apesar de sofrer com o isolamento do resto do Brasil, Goiás buscou maneiras de entrar e participar no mercado nacional, fazendo com que a pecuária fosse a principal atividade econômica que fez a economia local girar. “O setor da pecuária pode ser considerado como uma ilha no mar de estagnação econômica que se abateu sobre Goiás com o fim da mineração. Era o setor mais adequado às condições econômicas gerais da região. Afinou-se bem demais com as condições gerais do período pós-mineratório” (CHAUL, 2001, p.95). Por possuir boas condições para o desenvolvimento da pecuária, essa atividade se tornou um grande apoio para Goiás se manter após o fim da mineração de ouro. No entanto, a pecuária que ajudou Goiás entre os séculos XIX e XX, não era o modelo de economia bem sucedida na concepção dos estrangeiros, como aponta Chaul: “nenhum planejamento, nenhum cuidado na estruturação e manutenção da produção e da produtividade, como gostariam os viajantes europeus” (IBID, 99). A pecuária foi muito importante para auxiliar Goiás a manter uma economia ativa, mas havia obstáculos que não a permitiam prosperar como poderia. A falta de investimento do poder federal em Goiás complicava o desenvolvimento da pecuária. Além disso, havia outros empecilhos como o alto custo do sal, alimento essencial para manter o gado saudável. Essa atividade econômica evitou que Goiás entrasse em decadência, mas não o colocou em destaque na economia nacional. As importações feitas em Goiás eram maiores que as exportações de gado e variavam muito a cada ano, a balança comercial não ficava equilibrada. Por isso, a economia de Goiás não alavancou, mas a pecuária conseguiu manter o estado longe da decadência.

A agricultura não se desenvolveu tanto quanto a pecuária após o fim da era aurífera. A pecuária foi a atividade econômica que mais se desenvolveu nesse período, deixando a agricultura como uma atividade basicamente de subsistência, já que sua produção era pequena e os métodos de cultivo eram precários. Ao longo do século XIX, a pecuária ainda possuía

um papel mais importante para a economia de Goiás que a agricultura. A agricultura passou a ter destaque na economia goiana no início do século XX, quando se iniciou a chamada “marcha do café”, as terras goianas começaram a ser procuradas, dando um caráter mais comercial do que de subsistência para a agricultura goiana. Ao fim da primeira década do século XX, Goiás consegue inserir sua produção agrícola no mercado nacional. Vale ressaltar que um dos principais motivos para agricultura ter demorado tanto para se desenvolver em Goiás foi pela dificuldade de transportar os produtos. As estradas eram precárias e não havia uma malha ferroviária que chegasse a Goiás. Produtos perecíveis não eram comercializados, pois até chegarem ao destino já estariam inapropriados para o consumo. O transporte utilizado era basicamente carros de boi, que carregavam uma pequena carga e percorriam poucos quilômetros por dia. Além disso, não era possível trafegar pelas estradas quando chovia. Os custos desse tipo de transporte eram extremamente caros, pois era necessário arcar com a alimentação dos animais e dos homens. O preço final dos produtos subia absurdamente por causa de todos esses empecilhos, fazendo com que os produtos goianos ficassem com um preço muito acima da média do mercado. Esse cenário só começou a ser alterado quando os trilhos de trem chegaram a Goiás.

Dois acontecimentos, em conjunto, foram os responsáveis pela inserção da produção agrícola goiana no mercado nacional: a chegada da malha ferroviária em Goiás e o grande crescimento na produção de café. “A recuperação, entre 1910 e 1913, do preço do café nos mercados internacionais, implicava um aumento no plantio e, conseqüentemente, uma larga utilização de terras para o maior cultivo” (IBID, p. 105). Com a alta exportação do café brasileiro, cresceu a procura por terras para aumentar o número de plantações. Em 1913 o transporte férreo chega à Goiás, estimulando a migração e fortalecendo a economia local, fazendo Goiás sair do isolamento geográfico econômico.

Apesar da expansão do cultivo de café ter sido um dos principais motivos para o desenvolvimento da agricultura goiana, ele não foi o produto agrícola mais plantado no estado. As terras goianas foram tomadas por plantações de arroz, que se tornou um dos principais produtos de exportação. Ao longo da década de 1920, além do arroz e do café que eram produzidos para a exportação, Goiás também produzia vários outros alimentos que eram fornecidos para outros estados brasileiros.

1.1.3 A política goiana

É importante ressaltar o contexto político dessa época. O Brasil já havia se tornado uma República e era governado por membros da elite brasileira, que após a proclamação da República passaram a controlar a economia e a política do país. Em Goiás a situação não era tão diferente, no entanto, apesar da agricultura crescer como atividade econômica e se tornar um dos pilares da economia goiana no início do século XX, os agricultores não possuíam grande influência na vida política do estado. A política estadual era dominada pelos grupos ligados aos pecuaristas. Os agricultores tentaram se inserir na política e defender seus interesses, mas só conseguiram um espaço efetivo após 1930, quando a Revolução de 30 trouxe grandes mudanças políticas para o estado.

Enquanto no campo da economia Goiás era visto como uma região em decadência, no campo da política, Goiás sempre foi ignorado. Quando a mineração do ouro começou a dar grandes lucros para Portugal, a Coroa desvinculou a região da capitania de São Paulo, criando a capitania de Goiás e denominando novos interventores para o local. Após a decadência do ouro, a Coroa Portuguesa não investiu em melhorias para a região. Durante o Império a situação não se alterou, Goiás continuou esquecida aos olhos do poder imperial. No século XIX, com o crescimento da pecuária em Goiás, os grandes pecuaristas começaram a gerar grande influência na política local. A política local era controlada por um sistema que ficou conhecido como coronelismo. Nesse sistema, os “coronéis” eram homens da elite que utilizavam de seus bens, do poder sobre seus empregados e de influências para dominar a política local. Ao final do século XIX, após a proclamação da República e da saída da família real do Brasil, a elite brasileira assume o poder político do país. Em Goiás, a República trouxe a consolidação das oligarquias.

Durante a Primeira República existiram dois partidos com grande influência em Goiás, um deles comandado pela família Bulhões, o outro comandado pela família Fleury. Essas famílias formavam as oligarquias que governavam o estado dentro do sistema do coronelismo. Os Fleury e os Bulhões revezavam o poder, de acordo com as alianças que faziam e o apoio que davam para o governo federal. Durante o governo de Deodoro da Fonseca, os Fleury assumiram o poder em Goiás. Já no governo de Floriano Peixoto, o poder passou para as mãos dos Bulhões. As duas famílias revezavam o poder dependendo de quem elas apoiavam para o governo federal, já que o Presidente do estado era indicado pelo governo federal.

Em 1892, quando uma nova Constituição Estadual entrou em vigor, as eleições estaduais passaram a ser diretas. Os Bulhões conseguiram eleger seu candidato, Braz

Abrantes, no entanto ele não chegou a assumir o cargo, pois sua presença foi solicitada em comissões que ele participava no Congresso Nacional. Com isso, seu vice Antônio José Caiado assume a presidência do Estado, porém sua gestão não foi bem sucedida.

Na próxima eleição, em 1895, os Bulhões ganham novamente, se consolidando ainda mais na política do estado e começando a ter mais destaque e espaço na política nacional. O contexto político da época auxiliou a ascensão da família Caiado na política de Goiás. A família Caiado era rica e influente, e através de casamentos estratégicos conseguiram cavar um espaço na política de Goiás. Os Bulhões continuaram dominando o governo estadual, porém quanto mais cargos nacionais eles ocupavam, mais brechas abriam para os Caiados dominarem a política estadual.

Os Bulhões começaram a perder poder político quando fizeram aliança com o político José Xavier de Almeida, para elegê-lo como Presidente de Goiás na eleição de 1901. Xavier de Almeida já havia trabalhado para os Bulhões durante outras gestões, mas quando assumiu o poder aproximou-se dos opositores dos Bulhões e tomou atitudes que não agradavam os membros da família. Realizou melhorias na economia, na política e na vida cultural do estado, além de incentivar a chegada da estrada de ferro ao sul do estado. Como fez uma boa gestão, não teve dificuldades em eleger seu candidato na próxima eleição, fazendo com que os Bulhões perdessem sua primeira eleição desde o início da república. Inconformados com a perda do poder, os Bulhões uniram forças com vários políticos para tirar o poder do Partido Republicano Federal, partido comandado por Xavier de Almeida, esse movimento ficou conhecido como “Revolução de 1909”. Após a Revolução de 1909, os Bulhões voltam a controlar a política em Goiás e Xavier de Almeida é expulso do estado.

É importante evidenciar dois pontos sobre o contexto político do início do século XX. Para realizar uma boa gestão a nível estadual, era sempre necessário o apoio do governo federal, quando não havia esse apoio, o presidente do estado não tinha as condições necessárias para fazer grandes investimentos no estado. O outro ponto importante é que as disputas políticas não giravam em torno de ideologias, havia disputas só pelo poder. “A luta política era travada pelo controle do Executivo e não em torno de ideias ou ideologias, em prol ou contra o desenvolvimento... Os liberais brasileiros da Primeira República tinham como preocupação básica instaurar no país “um progresso dentro da ordem”. Essa era a perspectiva ideológica; na prática, as disputas pelo poder explicam os rumos da política.” (CHAUL, 2001, p.125). De volta ao poder, após a Revolução de 1909, os Bulhões buscaram o desenvolvimento do estado. Trouxeram a tão almejada estrada de ferro para o sul do estado

e implementaram uma linha de telégrafo na capital de Goiás.

Com a eleição de Hermes da Fonseca para a presidência nacional, há uma grande mudança no cenário político de Goiás. Os Bulhões perdem a aliança de vários políticos influentes, pois estes resolveram se aliar a Eugênio Jardim e Antônio Ramos Caiado, que haviam saído do partido e procuravam novas alianças. Apesar dos Bulhões terem apoiado publicamente Hermes da Fonseca, ele era contra as oligarquias. Com isso, em 1912, ele tira o poder dos Bulhões e declara o coronel reformado Eugênio Rodrigues Jardim o novo presidente de Goiás. Nesse contexto, os Bulhões perdem espaço e poder na política do estado. Eles conseguem manter alguns cargos a nível federal por mais alguns anos, mas antes da Revolução de 30, já haviam perdido sua influência política. Após a queda dos Bulhões, o poder político de Goiás fica nas mãos das famílias Jardim e Caiado, até a Revolução de 1930, que abalará fortemente as oligarquias do interior do Brasil.

O sucesso das exportações do café brasileiro foi um dos principais incentivos para a expansão da base econômica do estado. Houve um grande aumento da população, as terras começaram a ser mais valorizadas e a agricultura começou a fazer parte da economia do estado. No entanto, a agricultura demorou a prosperar como atividade econômica pela falta de transporte adequado. A estrada de ferro demorou a chegar a Goiás por uma questão política. Como o poder político do estado estava nas mãos de políticos ligados à pecuária, eles não se esforçaram para trazer a estrada de ferro, já que para o transporte do gado o trem não era primordial. Quando a malha ferroviária chegou a Goiás, ficaram nítidos os benefícios que ela trazia ao estado.

Com o tempo, indiferentes aos grupos instalados, pois representava a necessidade de mercado e capital, a sintonia política com os projetos de desenvolvimento do governo federal e, enfim, as forças econômicas maiores do que qualquer obstáculo político com os projetos que, porventura, tentasse bloquear a implantação da estrada de ferro... O próprio setor ligado diretamente à agropecuária obteve, com a estrada de ferro, um significativo aumento de suas exportações por meio, entre outros fatores, da implementação de charqueadas nas cidades percorridas pela via férrea. (CHAUL, 2001, p.130).

Outro motivo que levou os políticos goianos a postergarem a chegada da malha ferroviária em Goiás foi a necessidade da manutenção da ideia de “lugar atrasado” que Goiás detinha. Por estar isolado do restante do país e ter uma economia voltada para o mercado interno, aos olhos do governo federal e do restante do país, Goiás era tido como um estado atrasado, onde se vivia apenas para a subsistência. Para as oligarquias manter esse

distanciamento era importante, pois dessa maneira eles tinham absoluto poder dentro das terras goianas e podiam tomar todas as decisões dentro do estado, já que a comunicação era extremamente precária e o governo federal não se importava com a política local.

1.1.4 A Revolução de 30

Após a nomeação de Eugênio Jardim como Presidente de Goiás, em 1912, a política goiana ficou nas mãos das oligarquias dos Jardim e Caiado. No entanto, a prosperidade trazida pela agricultura e pelo trem, ao sul e sudoeste do estado, fez com que o poder dos Jardim-Caiado começasse a ser abalado. O sul de Goiás passou a ter uma grande importância para a economia do estado, porém políticos como Pedro Ludovico Teixeira e Mário Caiado não tinham influência política. A política era controlada, principalmente, pelos Caiados da capital do estado, Cidade de Goiás. Os políticos do sul e sudoeste goiano já faziam oposição às oligarquias que estavam no poder e criavam jornais para difundir suas ideias.

A década de 1920 acaba no Brasil em um contexto muito propício para grandes mudanças. Havia uma crise econômica por causa da baixa nas exportações de café, o setor da indústria estava se desenvolvendo e a migração para as cidades estava aumentando. Em Goiás, já havia pessoas questionando a política das oligarquias e lutando por mudanças. Após perderem a eleição de 1928, os opositores se juntaram a Aliança Liberal, um grupo de alcance nacional que buscava por mudanças políticas no Brasil. Com o apoio da Aliança Liberal, políticos do sul e sudoeste goiano tomam o poder com uma revolta armada em 1930, fazendo com que o médico e político de Rio Verde, Pedro Ludovico Teixeira, se tornasse o novo interventor de Goiás pelo governo de Getúlio Vargas.

É importante ressaltar que o grupo que assume o poder após a Revolução de 30 também formava uma oligarquia, pois possuía poder e influência por deter uma grande quantidade de terras e controlar uma atividade econômica lucrativa, com isso havia o controle sobre as pessoas que trabalhavam nessas terras. A família Caiado era ligada à pecuária, já os apoiadores da Aliança Liberal eram ligados à agricultura. O que diferenciava esses dois grupos era uma questão ideológica. As oligarquias que dominaram Goiás durante a Primeira República queriam manter o atraso em Goiás, queriam que o estado continuasse isolado do restante do país e não buscavam fortalecer a economia, pois dessa maneira elas se mantinham no poder. A oligarquia que assume o poder em 1930 era moderna e progressista, queria diversificar a economia e buscava mudanças sociais e políticas. Conforme o autor:

Acreditamos que a tática dos grupos em ascensão era o espelho de seu tempo e significava, de uma forma global, uma ligação mais intensa do Estado com o desenvolvimento capitalista da época. Esses grupos procuravam, na representação da modernidade, legitimar sua ascensão ao poder, procurando assim diferenciar-se dos grupos depositos. Para tal utilizaram as ideias inúmeras vezes divulgadas, ao logo da história, da decadência e do atraso de Goiás, para caracterizar os adversários vencidos. Assim, uma parcela da sociedade da época, a que tinha expressão na política local, reunia o fazendeiro e o profissional liberal. (CHAUL, 2001, p. 182).

Dessa maneira a Revolução de 30 não trouxe apenas mais uma oligarquia ao poder, ela representava o surgimento de um projeto político idealizado na modernidade (CHAUL, 2001). A construção de uma nova capital, longe das antigas oligarquias, era um marco simbólico da modernidade almejada pelos novos administradores progressistas de Goiás. A ideia de criar uma nova capital para o estado foi encabeçada com muita convicção pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira. Além do apoio dos fazendeiros do sul e sudoeste goiano e da classe média goiana, o interventor ainda tinha o apoio do governo de Getúlio Vargas, que tinha como um dos objetivos para o seu governo o desenvolvimento e crescimento do interior do país, criando assim uma política que ficou conhecida como Marcha para o Oeste.

1.1 GOIÂNIA: UMA NOVA CAPITAL

1.1.1 Localização da capital

Quando a capitania de Goiás se tornou independente da capitania de São Paulo, ainda no século XVIII, a capital da nova capitania foi instaurada na cidade de Vila Boa. Na época das grandes minerações, a cidade de Vila Boa se localizava em uma posição geográfica estratégica, pois era nessa região que se encontrava várias minas de ouro. Os administradores nomeados pela coroa portuguesa tinham muitas dificuldades em governar um território distante, de difícil acesso e tão diferente dos grandes centros urbanos do Brasil e de Portugal. A localização da cidade de Vila Boa de Goiás não era estratégica para ser a sede do governo do estado. Cercada por inúmeras montanhas, dificultava o crescimento da cidade.

A vida administrativa, no entanto, também tinha suas limitações de exercício do poder. A carência de transportes e estradas, as grandes distâncias, o parco contingente de pessoas aptas ao exercício dos cargos e a ausência de uma polícia faziam com que a administração sofresse toda a sorte de limitações para exercer o poder público. (CHAUL, 2001, p. 37).

Houve inúmeras tentativas, em épocas distintas, para tentar mudar a capital do estado para outra localidade, no entanto somente na década de 1930 esse feito foi realizado. Todavia, os motivos que levaram a transferência da capital na década de 1930, não eram mais apenas por questões geográficas, havia também interesses políticos. A Revolução de 30 chegou a Goiás através do Partido Republicano, liderado por Pedro Ludovico Teixeira. Ludovico iniciou uma rebelião que foi ofuscada pelos Caiados. Com a chegada das forças revolucionárias vindas de Minas Gerais, Ludovico foi solto e nomeado interventor de Goiás. A Revolução de 1930 chegava às terras goianas.

Uma das primeiras, e mais importantes, decisões de Pedro Ludovico foi transferir a capital do estado de Goiás para outra localidade. Apesar do poder não estar mais com as oligarquias, os novos governantes achavam muito difícil administrar na Cidade de Goiás, pois os antigos governantes ainda exerciam muita influência sobre grande parte da população. Para apaziguar a transferência da capital, Pedro Ludovico usou o argumento da localização, que já era questionado há anos. Além disso, também utilizou o argumento de que a cidade de Vila Boa também era uma cidade muito antiga, que precisaria de grandes reformas nas estruturas urbanas para se adaptar a modernidade. No entanto, esse argumento não foi convincente, pois o custo para reformar uma cidade era menor do que o custo para construir uma nova. Após o fim de seu governo, Pedro Ludovico admitiu que a transferência da capital ocorreu, principalmente, por motivos políticos, e que os motivos geográficos e urbanísticos eram secundários.

A classe média emergente do estado buscava fugir do poder das oligarquias já consolidadas na cidade de Vila Boa. Foi então com a Revolução de 1930, que essa classe média conseguiu o apoio político necessário para que a vontade de criar uma nova cidade para abrigar a sede do governo do estado fosse realizada.

1.1.1 A busca pela modernidade

Para os idealizadores da mudança da capital, a modernidade significava, na época, progresso. A modernidade era a busca por desvincular Goiás de uma ideia de atraso. A criação de uma nova capital pautada em ideias modernistas e longe de qualquer vínculo associado ao passado do estado era o maior símbolo que a modernidade chegara a Goiás. A construção de uma capital moderna foi apoiada pelos políticos e fazendeiros do sul e sudoeste

do estado e fez com que o interventor Pedro Ludovico Teixeira se consolidasse no poder, além de ser um elemento essencial para a campanha eleitoral que Pedro Ludovico estava prestes a enfrentar, “não se tratava apenas de deslocar os Caiados do centro de poder, Goiânia representava o veículo de condução político-burocrata capaz de levar o Estado a uma maior inserção no mercado nacional, a uma dinamização do processo de acumulação capitalista nas fronteiras economicamente mais desenvolvida do Estado” (CHAUL, 2001, p. 213). Após ganhar a eleição para o governo do estado de Goiás em 1933, Pedro Ludovico direciona seu foco para a construção de Goiânia, a nova capital do estado. Apesar de ter sido inaugurada em 1933, vários projetos só foram concluídos anos depois. Durante o período do Estado Novo, Vargas deu um grande apoio para Pedro Ludovico para que a construção de Goiânia fosse consolidada. Além de um símbolo importante para a política local, Goiânia também foi um símbolo importante para a política nacional, pois era uma das consolidações da política varguista denominada “Marcha para o Oeste”, que buscava o desenvolvimento do interior do país.

A busca pela modernidade também se refletiu na arquitetura da cidade. O governo queria que Goiânia fosse construída baseada em conceitos do urbanismo moderno e fosse projetada por especialistas reconhecidos. Para reafirmar a ideia de modernidade, o estilo artístico e arquitetônico *art déco* foi utilizado nos primeiros edifícios da cidade. *Art Déco* é uma expressão do francês que se refere à arte decorativa. Teve sua origem em Paris, durante a Exposition Universelle des Arts Décoratifs, em 1925. Foi inspirada pelo cubismo e possui referências da arte greco-romana da antiguidade e de diversas outras civilizações. A *art déco* era associada ao moderno e urbano, se adequando perfeitamente à nova capital de Goiás.

1.1.1 Construindo uma nova cidade

Pedro Ludovico escolheu o vilarejo de Campinas para ser a base para a construção da nova capital. Campinas estava localizada ao sul da Cidade de Goiás, por isso já se aproximava mais da região sul e sudoeste do estado. Além de estar localizada em uma área majoritariamente plana, diferente da Cidade de Goiás que se localiza em um vale.

Para projetar essa cidade moderna, o governo contou com a ajuda de dois renomados arquitetos: Attílio Corrêa Lima e Armando de Godoy. A cidade foi projetada com um esforço mútuo entre Attílio; os técnicos, engenheiros e arquitetos da construtora Coimbra Bueno, empresa responsável pela obra e a Superintendência Geral das Obras de Goiânia. Armando de

Godoy trabalhou mais como um consultor técnico. O primeiro parecer sobre a construção de Goiânia foi o Plano de Urbanização de Goiânia, feito em 1933 pelo arquiteto Armando de Godoy, que visitou Campinas e fez suas observações sobre o local, o projeto e o custo, e delineou os primeiros passos para guiar a construção da cidade. Godoy deu um parecer a favor da construção da cidade, por isso foi convidado pelo interventor Pedro Ludovico para ser o arquiteto do projeto, no entanto Godoy recusou o convite por já estar muito ocupado em outras atividades. Com isso Atílio Corrêa Lima foi convidado para ser o arquiteto de Goiânia, já que também era um arquiteto renomado. Contudo, a passagem de Atílio por Goiânia foi rápida, ele não chegou a concluir a obra, pois “as divergências com a Construtora Coimbra Bueno, o descontentamento de Pedro Ludovico com o atraso e morosidade nas obras, as pressões da própria família do arquiteto e a falta de pagamento fizeram com que Atílio rescindisse os contratos que firmara com o Estado, em abril de 1935.” (GONÇALVES, 2002, p. 35). Com a saída de Atílio, Godoy foi contratado para assumir o posto, agradando assim Pedro Ludovico, que já aprovara seu trabalho em 1933, e a construtora Coimbra e Bueno que ficou contente em ter seu nome vinculado a um arquiteto reconhecido, atualizado nas novas tendências e ideias. A passagem de Godoy por Goiânia também foi curta e ele acabou não fazendo nenhum projeto de fato. Godoy era um dos maiores nomes do urbanismo no Brasil na década de 1930, por isso sua agenda era muito ocupada. O autor ainda afirma: “é possível concluir que a sua principal colaboração ao projeto original da cidade foi no campo das ideias. Ao que tudo indica, Godoy percebeu em Goiânia a oportunidade de colocar em prática as suas teorias e os anos de experiência, mas por falta de tempo e condições, não se dedicou como deveria ao projeto” (IBID, p. 40). De certa forma ele emprestou o seu nome ao projeto, o que o valorizou sobremaneira. Apesar do pouco que trabalhou no projeto, Godoy deixou contribuições importantes, valendo destacar as ideias para o Setor Sul. Por ter sintonia com o desenvolvimento dos bairros-jardim americanos, Armando de Godoy acabou por ser o autor intelectual da proposta (GONÇALVES, 2002). Em relatos dos irmãos donos da construtora Coimbra Bueno, eles contam que Godoy não fez nem um esboço, apenas deu ideias e indicou livros sobre urbanismos americanos.

1.2 SETOR SUL E A TENTATIVA DE UMA CIDADE-JARDIM

O conceito de cidade-jardim foi desenvolvido a partir dos conceitos do socialista

inglês Ebenezer Howard. Segundo Gonçalves (2002), Howard buscava soluções para empecilhos que havia nas cidades industriais, alguns autores (OTTONI, 1996, p. 37-40; HALL, 1995, p.106-107) afirmam que suas contribuições, tais como as unidades de vizinhança, as preocupações com a paisagem urbana e o meio ambiente, abordavam questões sociais e teriam sido incorporadas ao universo do urbanismo moderno. Para o autor (2002), Howard não era urbanista, ele era um teórico que planejou a vida social, econômica, política e administrativa de uma cidade em torno de uma cidade modelo e descreveu como todos esses elementos funcionariam dentro do espaço físico, mas não fez nenhum projeto urbanístico. A partir de suas ideias, urbanistas começaram a criar projetos de cidades-jardim. No entanto, ao entrar no urbanismo os conceitos de Howard não foram seguidos à risca. Mais que um projeto urbano, as ideias de Howard abrangiam o lado social, político econômico da comunidade, esses vieses foram os mais esquecidos pelos urbanistas. Howard era socialista e sua ideologia ficou bem nítida nos conceitos da cidade-jardim.

No caso de Goiânia, esses conceitos sociais e políticos não foram aplicados, já que a cidade estava sendo construída em uma sociedade capitalista e em um período ditatorial. Apesar disso, em um de seus relatórios Godoy grifou a importância de não deixar a especulação imobiliária avançar pelo bairro. No final do projeto “prevaleceu a ideia do traçado orgânico, a exuberância da vegetação, a imagem de uma aparente calma bucólica, a elegância da paisagem” (GONÇALVES, 2002, p. 50). Godoy se inspirou no modelo da cidade de Radburn, nos Estados Unidos, para planejar o Setor Sul de Goiânia. Radburn foi uma das experiências de cidade-jardim mais famosas e virou um modelo para outras. Ela ficou bem conhecida principalmente pela separação das ruas onde havia trânsito de automóveis para as passagens de pedestres. Godoy projetou o Setor Sul de maneira que a frente das casas era voltada para as áreas verdes e interligada por vielas, por onde os pedestres andariam. O fundo das casas seria voltado para ruas mais largas por onde os carros transitariam. Esses cinturões verdes formados no projeto de Godoy estavam de acordo com os conceitos de Howard, pois um dos pontos almejados por ele era construir uma *cidade-campo*, onde houvesse as vantagens do meio urbano e rural e os problemas de cada um fossem consertados.

O Setor Sul começou a ser ocupado efetivamente em 1953. Apesar de ter sido planejado sob as ideias de um urbanismo moderno, ele não se desenvolveu nos moldes como fora projetado. Não se sabe ao certo as razões que levaram o setor a fugir do projeto original. Os moradores começaram a construir suas casas viradas para as ruas e não para as áreas

verdes. Com isso, a concepção de cidade-jardim ficou só no papel, pois nunca foi realmente implantada. As áreas verdes ficaram abandonadas, transformando-se, em sua maioria, em matagais. As cercas vivas que deveriam cercar as casas ao invés dos muros, também foram deixadas de lado, provavelmente por uma questão de segurança. Por se tratarem de lotes grandes, muitos proprietários construíram pequenas casas nos fundos para serem alugadas. Dessa maneira, as ruas das vielas acabaram se transformando no meio de acesso para essas pequenas casas, fazendo com que quem morasse nas casas maiores viradas para as ruas, não tivesse interação nenhuma com as áreas verdes. É relevante destacar o lapso que o poder público teve durante a implantação do bairro. Apesar de ter feito questão de buscar as tendências mais atuais para transformar Goiânia em um modelo de modernidade e prosperidade, nos anos 1930, na década de 1950 a conjuntura era outra, o poder público não estava mais preocupado em transformar a cidade em um símbolo e manter uma imagem. O Setor Sul começou a ser habitado, mas sem nenhuma infraestrutura. Não havia asfalto, encanamento de água e esgoto, iluminação ou transporte público. Várias ruas só foram abertas após o pedido dos moradores. Essa ausência do Estado teve grande influência para que o projeto urbanístico do Setor Sul não se concretizasse.

Na década de 1960, mais especificamente entre os anos de 1967 e 1969, o arquiteto Jorge Wilhelm foi o responsável por desenvolver o terceiro plano diretor de Goiânia, que foi oficializado em 1971. Ao desenvolver esse plano diretor, Wilhelm identificou as áreas verdes que estavam abandonadas no Setor Sul pelos erros de implementação do bairro, considerando que eram um problema a ser resolvido. Com isso, propôs o *Projeto Cura*, que visava à revitalização das áreas internas do Setor Sul. De acordo com o autor Ciro Augusto de Oliveira Silva (2006), em seu trabalho “Revitalização e preservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico do centro de Goiânia”, o *Projeto Cura*, logo após a sua implementação, obteve um resultado positivo, pois as quadras esportivas, parquinhos e as áreas verdes bem cuidadas e iluminadas atraíam a população para as ruas. Entretanto, com o passar dos anos o poder público parou de realizar a manutenção adequada, fazendo com que os aparatos ficassem deteriorados e inapropriados para o uso, e com que esses espaços públicos parassem de ser ocupados. Antes do *Projeto Cura*, os espaços estavam abandonados e com sua realização o espaço público começou a ser apropriado, mas a falta de manutenção dos equipamentos fez com que as áreas verdes do Setor Sul voltassem a ficar desocupadas. O *Projeto Cura* não foi implementado novamente e as áreas verdes se mantêm sem uso coletivo até os dias atuais, como será descrito mais à frente.

Apesar de estar previsto no plano diretor de 2007, a revitalização do Setor Sul não foi realizada, mesmo após dez anos de vigência e estando prestes a ser renovado. As metas para o Setor Sul não foram alcançadas. Nem ao menos o *Projeto Cura*, que foi efetivado com sucesso na década de 1970, foi retomado.

Em uma entrevista realizada em 2013, o presidente da COMURG, Paulo de Tarso, relata que durante a gestão do prefeito Pedro Wilson, que durou entre os anos de 2001 e 2004, houve a realização de um projeto que revitalizou uma das áreas verdes do bairro. Apesar disso, o projeto não se multiplicou pelo bairro e desde então o poder público não criou novos projetos e programas para a revitalização do Setor Sul.

Durante a gestão do prefeito Paulo Garcia, entre os anos de 2013 e 2016, houve um movimento para conversar com os moradores e constatar as necessidades do bairro, porém nada foi concretizado. Em agosto de 2017, um dos maiores jornais do estado de Goiás realizou uma matéria que mostrou como o espaço público, que estava abandonado pelo poder público e não estava sendo utilizado para um fim coletivo, foi apropriado para fins particulares por alguns moradores do bairro. Esse mesmo jornal divulgou outra reportagem, também em agosto de 2017, falando sobre a revitalização do Setor Sul que será prevista, novamente, no próximo plano diretor da cidade. O superintendente de Planejamento Urbano e Gestão Sustentável da Seplanh, Henrique Alves, contou que já foi feito um projeto para o Setor Sul pelos técnicos da Secretaria Municipal de Planejamento e Habitação, sendo assim o próximo passo seria apresentar as propostas já levantadas com o estudo e ouvir as demandas da comunidade.

Com esses exemplos é possível perceber que por mais que o poder público demonstre interesse em revitalizar o bairro, ele ainda não concretizou nenhum projeto efetivo. A insatisfação dos moradores e frequentadores do bairro evidencia como o poder público tem sido omissivo em relação ao Setor Sul.

CAPÍTULO II

2.1 CONCEITOS E DEFINIÇÕES

2.1.1. A modernidade

O conceito de modernidade chega a Goiás na década de 1930, com os grupos políticos opositores às oligarquias familiares consolidadas no estado. Esses políticos buscavam o progresso e o desenvolvimento da economia, política e sociedade goiana. A modernidade era vista por eles como o oposto da decadência e do atraso, eles viam na modernidade a maneira de romper com uma política e economia que acreditavam ser retrógradas. Através da representação da modernidade, eles propunham uma mudança em toda a sociedade local. Como cita Chaul (2001, p. 156): “Todas as dicotomias e atraso e progresso, velho e novo, moderno e tradicional, que vislumbramos [...] vão se tornar o centro das discussões políticas na década de 1930 em Goiás”. O significado de *modernidade* foi trabalhado por diversos autores, de diversas áreas; como Baudelaire no campo das artes e Marx na economia. Para Henri Lefebvre (1969, p. 9), “por modernidade nós compreendemos ao contrário, uma reflexão principiante, um espaço mais ou menos adiantado de crítica e autocrítica, numa tentativa de conhecimento”. Para Berman (1986), a modernidade gerava uma unidade que transcendia as diferenças sociais de classe, raça e nacionalidade. Berman afirma: “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor” (BERMAN, 1986, p. 15). Apesar de os intelectuais que trouxeram a concepção de modernidade para Goiás não seguirem as ideias de nenhum autor específico, a ideia de modernidade de Berman é bem parecida com o que esse grupo almejava para Goiás: uma mudança do que já estava enraizado.

Berman (1986) divide a modernidade em três fases. A primeira, que vai do fim do século XVI até o início do século XVIII, na qual ele diz que começaram a haver mudanças, porém elas ainda passavam despercebidas. A segunda fase chega com a Revolução Francesa, quando a vontade por mudanças era desejada, porém o mundo não era totalmente moderno: “é dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a ideia de modernismo e modernização” (IBID, p. 16). O autor afirma que a terceira e última fase acontece no início do século XX, quando a modernização é

expandida a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo. Como características da modernidade, o mesmo autor destaca várias “grandes descobertas nas ciências físicas [...], industrialização da produção [...], descomunal explosão demográfica [...], rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano [...], Estados nacionais cada vez mais poderosos”. (IBID, p. 16).

A modernidade é sinônimo de mudança, com isso Berman (1986) irá afirmar que desde os primórdios da modernidade, viver durante essas transformações tendo consciência que elas estão ocorrendo é extremamente angustiante. O mundo durante a modernidade é repleto de novas possibilidades, mas ao mesmo tempo é incerto, “essa atmosfera – de agitação e turbulência, aturdimento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, auto-expansão e autodesordem, fantasmas na rua e na alma – é a atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna” (BERMAN, 1986, p. 18).

Ao alcançar o século XIX, a modernidade passa a ter diversas particularidades, aponta Berman (1986, p.18): “a primeira coisa que observaremos será a nova paisagem, altamente desenvolvida e dinâmica, na qual tem lugar a experiência moderna. Trata-se de uma paisagem [...] capaz de tudo exceto solidez e estabilidade”. O autor também afirma que essa nova paisagem e o modo de viver eram muito criticados pelos autores modernistas. Apesar de criticar a parte negativa da modernidade, como o “mercado mundial que tudo abarca, em crescente expansão, capaz de um estarrecedor desperdício e devastação” (IBID), os autores modernistas se sentiam confortáveis com esse modo de vida moderno, pois ele era aberto a diversas inovações. A modernidade no século XIX foi envolta de muitas possibilidades, mas também de grandes complexidades.

Berman (1986) chama a atenção para as ideias sobre a modernidade de dois grandes autores: Marx e Nietzsche. Marx irá falar bastante sobre as contradições da modernidade. Nas palavras de Berman (IBID, p. 19): “todas as nossas invenções e progressos parecem dotar de vida intelectual às forças materiais, estupificando a vida humana ao nível da força material”. Marx dizia que os avanços da modernidade eram alcançados através de meios incorretos. A tecnologia se desenvolvia, mas explorava o trabalho humano ao invés de ajudá-lo e aprimorá-lo. As artes se diversificavam, mas através da “perda de caráter”, de acordo com Marx. Para ele, as incoerências da modernidade só seriam solucionadas quando a “classe dos novos homens” pudesse governar, pois essa era a classe que estava totalmente inserida na modernidade, ou seja, a única que conseguia assimilar todas as contradições. Essa “classe dos

novos homens” era a classe operária, a classe que foi fruto da modernidade, por isso era a única que conseguiria dominá-la.

Nietzsche, assim como Marx, também enxergava nos tempos modernos a hipocrisia e a dualidade. Ao mesmo tempo em que o homem busca individualidade, ele clama por regras. “Tão fervorosamente quanto Marx, ele deposita sua fé em uma nova espécie de homem”, destacou Berman (1986, p. 22). Marx e Nietzsche, apesar de terem vivido em épocas diferentes, possuem ideias semelhantes em relação à modernidade, ambos criticam, mas também percebem as vantagens e avanços, além de acreditarem que o futuro da modernidade estaria nas mãos de pessoas modernas e aptas a lidar com as dicotomias trazidas com a modernização.

Ao chegar ao século XX, a modernidade continua sendo discutida por diversos autores em várias áreas. Berman (1986) afirma que a modernidade do século XX continua a ser um mar de possibilidades, mas os modernistas do referido século passam a ter ideias mais polarizadas. O autor declara que

se prestarmos atenção aquilo que os escritores e pensadores do século XX afirmam sobre a modernidade e os compararmos aqueles de um século atrás, encontraremos um radical achatamento de perspectiva e uma diminuição do espectro imaginativo. Nossos pensadores do século XIX eram simultaneamente entusiastas e inimigos da vida moderna [...]. Seus sucessores do século XX resvalaram para longe, na direção de rígidas polarizações e totalizações achatadas. [...] Visões abertas da vida moderna foram suplantadas por visões fechadas: Isto e Aquilo substituídos por Isto ou Aquilo (BERMAN, 1986, p. 24).

Outra grande diferença dos autores do século XX para os seus antecessores é que eles não acreditavam que o homem moderno seria capaz de lidar com as contradições da modernidade, eles acreditavam que o homem moderno estava predestinado a seguir um caminho já moldado pela modernidade. Como diz Berman,

os críticos da modernidade, no século XX, carecem quase inteiramente dessa empatia com a fé em seus camaradas, homens e mulheres modernos. [...] Não só a sociedade moderna é um cárcere, como as pessoas que aí vivem foram moldadas por suas barras; somos seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal. (BERMAN, 1986, p. 26-27).

Como citado anteriormente, Berman (1986) afirma que a terceira fase da modernidade é alcançada no século XX, quando ela chega ao mundo capitalista, é nessa fase que a modernidade chega ao Brasil. Em Goiás, a ideia da modernidade chega durante a Revolução de 1930. O interventor de Goiás, Pedro Ludovico, e seus aliados não seguiam nenhum conceito específico ou se baseavam em determinado autor, eles viam a modernidade

basicamente como a ruptura com a tradição e a busca pelo progresso. No entanto, é possível perceber que alguns conceitos de modernidade apresentados aqui se encaixam com os objetivos esperados para Goiás por Pedro Ludovico, pois ele queria a ruptura com as tradições e a possibilidade de novas opções para a sociedade goiana. Em 1935, quando Vargas inicia o período ditatorial que ficou conhecido como Estado Novo, Pedro Ludovico ganha um novo aliado. Como uma das políticas de Vargas nesse período era a “Marcha para o Oeste”, a construção de Goiânia era uma das maiores consolidações dessa política varguista. Durante o Estado Novo a modernidade era sinônimo de progresso por meio do Estado, logo Pedro Ludovico e seus aliados incorporaram essa concepção varguista para continuarem a construção de Goiânia, que havia sido iniciada em 1933. Contudo, é necessário ressaltar uma grande diferença entre Pedro Ludovico e os autores modernistas. Ele via somente o lado bom da modernidade e acreditava que a modernidade salvaria Goiás do isolamento e do esquecimento, porém, como foi possível observar, os autores modernistas tinham suas ressalvas em relação à modernidade, que não foram levadas em consideração pelo interventor. Por isso, a representação de modernidade de Pedro Ludovico não se encaixa em nenhuma definição específica. Além disso, Pedro Ludovico e Vargas eram a favor da industrialização e de um Estado nacional fortificado, características que certos autores criticavam veemente.

É importante destacar que a modernidade chegou a Goiás sendo imposta pelo grupo político que estava no poder. Chaul (2001) utiliza o termo “modernidade construída” para explicar esse acontecimento. A modernidade não chegou de uma forma natural, pela vontade da maioria da população, ela era uma representação que simbolizava as mudanças que o novo governo queria. No capítulo anterior vimos que a implementação do Setor Sul não ocorreu como o planejado, pois foi feita em um período em que já havia outro governo no poder, governo este que não se importava em difundir a modernidade. Como a população também não estava imersa nessa ideia, os planos para o Setor Sul não foram concretizados. Com isso, é imprescindível ressaltar a influência que o Estado exerceu para que a representação da modernidade chegasse às terras goianas.

2.1.2 A noção de lugar

Em um trabalho como este, que fala sobre um determinado espaço físico, é fundamental trazer à tona a discussão sobre *lugar*, já que é um dos conceitos trabalhados

durante o curso de Produção Cultural.

Para trabalhar o conceito de *lugar*, contarei com as definições do geógrafo Milton Santos. O autor diz que muitos teóricos pregam que o *lugar*, a *região* e outras definições não existem mais, por estarmos vivendo em um mundo muito globalizado. Alguns acreditam que esses conceitos não servem para a atual realidade, no entanto, ele defende que os conceitos podem mudar de acordo com a época, mas que não necessariamente deixam de existir. Santos argumenta que em um passado remoto *região* era um determinado espaço físico, ocupado por um determinado grupo. No mundo globalizado, “região” passa a ser “espaços de convivência” e “os lugares são condição e suporte de relações globais” (SANTOS, 1996, p. 36).

Levando em consideração o processo de globalização, é possível recriar os conceitos, como defende Santos: “agora que a unidade dos eventos sobre a face da Terra pode ser empiricamente constatada com o fenômeno de globalização, torna-se mais fácil verificar o papel do processo histórico de reelaboração regional” (IBID, p. 35). Definir o conceito de *lugar* é uma tarefa complicada. Milton Santos define: “o lugar, aliás, se define como funcionalização do mundo, e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente” (IBID). Para explicar melhor a definição de *lugar*, Santos diz que “não distinguiríamos entre unidade e diversidade se não soubéssemos que a unidade é o próprio planeta e da história e a diversidade é o próprio dos lugares. Muda o mundo, e, ao mesmo tempo, mudam os lugares” (IBID). Os *lugares* se delimitam e se diferenciam uns dos outros através do que Santos chama de *existência corpórea* e *existência relacional*. Santos elabora três características para definir *lugar*: densidade técnica, densidade informacional e densidade comunicacional. Para o autor, *técnica* seriam os aparatos criados e utilizados para moldar o lugar da maneira que mais agradaria e saciaria as necessidades dos homens e mulheres. Dessa maneira *densidade técnica* seriam os objetos, em determinado lugar, criados por pessoas através desses aparatos. Ele dá como exemplo dos dois extremos da densidade técnica: de um lado uma paisagem totalmente natural, sem nenhuma intervenção do ser humano; do outro lado, uma cidade, cheia de construções. A densidade informacional se deriva da técnica. Grande parte da técnica precisa de ação para funcionar, ou seja, precisa de uma pessoa que mande uma informação para aquele objeto para que ele funcione, fazendo assim com que haja a densidade informacional. A comunicação é a interligação entre a técnica e as pessoas através de mensagens. Pela comunicação, que é singular de cada pessoa, elas emitem suas opiniões e passam informações.

A autora Ana Fani Carlos, também utiliza as definições de Milton Santos em seu livro *O lugar no/do mundo*, mas além das densidades citadas por Santos para definir *lugar*, ela acrescenta mais uma, a “dimensão histórica que entra e se realiza na prática cotidiana [...] instala-se no plano do vivido e que produziria o conhecido-reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões” (CARLOS, 2007, p. 17). A história também distingue cada lugar. “O lugar é à base da reprodução da vida” (IBID). É no lugar que as experiências humanas são vividas. Carlos diz que o *lugar* também pode ser considerado através da tríade *habitante-identidade-lugar*. Além do espaço físico, o *lugar* está totalmente relacionado ao ser humano e suas relações. “Como o homem percebe o mundo?” (IBID), essa é uma pergunta chave feita e respondida pela autora para a continuação desse trabalho. O ser humano percebe o mundo através de seu corpo, um corpo que é moldado por sua cultura, identidade, hábitos e experiências vividas até então. Através desse corpo o homem ergue suas relações humanas e constrói objetos, com essas relações e objetos é que ele irá ocupar o mundo. “O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida... dos sentidos” (IBID). Alguns exemplos de *lugar*, dados por Carlos são: bairros, praças, ruas. Ela acredita que uma cidade não pode ser considerada um lugar, a não ser que seja uma cidade bem pequena, pois para ela não é possível conhecer, e nem viver, todos os pedaços de uma metrópole. Como viver, reconhecer, ter experiências são ações fundamentais para um espaço físico se tornar um lugar para uma pessoa, já que uma pessoa não pode viver uma grande cidade como um todo, a cidade não poderia ser considerada um lugar. Milton Santos já tem uma opinião diferente, ele diz que a princípio seria mais adequado definir uma cidade como uma região, ou seja, um espaço onde múltiplos lugares se interligam e convivem, porém ele acredita que uma cidade pode ser considerada um lugar “desde que a regra da unidade e da contiguidade do acontecer histórico se verifique.” (SANTOS, 1996, p. 36). Carlos irá dizer que em um *lugar* as pessoas, espaços e objetos possuem um significado especial para cada pessoa. Ela dá o exemplo do comércio, que não é apenas um local para comprar alguma mercadoria, mas pode ser também um *ponto de encontro*, um local para troca de experiências e construção de memórias e afetos. “São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida... isto é pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado pelo uso.” (CARLOS, 2007, p. 18). *Lugar* é a externalização do nosso corpo, é onde podemos materializar nossa identidade, nossos sentimentos.

Ana Fani (2007) também discorre sobre a monumentalidade dos *lugares*. Ela

defende que o ato de caminhar é fundamental para a apropriação do espaço, é através do caminhar que uma pessoa passa do ambiente privado para o público, de um local individual para um local coletivo. O caminhar é a maneira que as pessoas utilizam para ocupar os espaços. Ela dirá que espaços de monumentalidade, apesar de geralmente terem um significado histórico e uma representatividade de poder, se tornam espaços vazios porque não são ocupados, já que o acesso é difícil, como é o caso da Esplanada dos Ministérios, em Brasília, como cita a autora (CARLOS, 2007). Dessa maneira, acaba-se criando diversos espaços vazios nas cidades, pois um *lugar* onde as pessoas não passam, que não é apropriado e vivido, torna-se um *lugar* vazio. Sendo assim, “o lugar é o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos” (CARLOS, 2007, p. 20). Aqui é possível perceber o quanto o modo como as cidades são construídas podem interferir nas relações que serão criadas entre as pessoas e entre a comunidade e o espaço.

Para discutir o tema da espacialidade, Ana Fani (2007) inicia a discussão falando sobre a rua. Apesar de haver autores que defendam que a rua é um *lugar* de passagem, Carlos enxerga outros significados: “a rua se coloca como dimensão concreta da espacialidade das relações sociais num determinado momento histórico, revelando gestos, olhares e rostos, as pistas das diferenças sociais” (IBID, p. 51). A vida cotidiana se expressa na rua, é pela rua que as pessoas se apropriam do lugar e da cidade, “e é aí que afloram as diferenças e as contradições que permeiam a vida cotidiana, bem como as tendências de homogeneização e normatização impostas pelas estratégias do poder que subordina o social” (IBID).

É possível perceber os hábitos e características culturais de uma sociedade através dos usos que ela dá para a rua, “pois a rua se liga à ideia da construção dos caminhos que junto com a casa criam o quadro da vida” (IBID). A autora relata que atualmente há uma tendência da sociedade de passar cada vez mais tempo em espaços fechados. As pessoas ficam dentro de suas casas, interagindo menos com pessoas próximas, reforçando assim o espaço privado. Esse reforço do espaço privado também é percebido em espaços coletivos, “o que significa que atenua a sociabilidade na metrópole com o aprofundamento da diferenciação entre o público e privado” (IBID, p. 52).

A rua, assim como o homem e a sociedade, está sempre se transformando e ajudando a transformar as relações entre as pessoas e as relações com o lugar. É importante ressaltar que o mesmo espaço físico pode ter significados diferentes para cada pessoa, a *rua* não é uma exceção. Da mesma maneira que a rua pode ter usos diferentes de acordo com o tempo. Ana

Fani (2007) cita alguns exemplos dos diversos usos de sentido que a *rua* pode ter: passagem, de fim em si mesmo, mercado, festa, reivindicação, morar, apropriação como território de domínio de gangues, normatização, segregação social e formação de guetos. A autora destaca que o ponto em comum entre quase todos esses usos da *rua* é serem um ponto de encontro. Entretanto, o cotidiano gera uma dualidade, ao mesmo tempo em que a rua pode ser um lugar de encontro que mostra a diversidade, ela também é um lugar de normatização. Ana Fani (2007) diz que lugares que são de grande movimento, como as ruas que se transformam em grandes mercados a céu aberto, perdem o significado de *encontro*, “o mundo da mercadoria entra no cotidiano obedecendo à lógica geral do processo de reprodução [...]. O cotidiano de hoje se empobrece no sentido em que cada vez mais ele está subordinado ao mundo das mercadorias, em que os sinais de status permeiam as relações, e o valor de troca subjuga e captura o sentido do uso” (IBID, p. 54).

As definições aqui apresentadas serão essenciais para pensar o Setor Sul como um *lugar*, *lugar* este que foi planejado com uma concepção que se preocupava com as relações humanas, mas que perdeu essas características por não ter sido implementado corretamente. Essa falha assombra o setor até os dias atuais, porém, pensando nas definições de *lugar* e *rua*, será possível investigar e perceber as relações entre a comunidade e o espaço, que têm sido criadas e desenvolvidas atualmente.

CAPÍTULO III

3.0 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E O PODER PÚBLICO

O processo de urbanização é estudado por diversos autores de diferentes áreas. Nesse momento iremos observar as transformações urbanas e as relações da sociedade através da antropologia. O autor José Guilherme Cantor Magnani (2002), ao analisar os efeitos do processo de urbanização nas metrópoles, descreve dois grupos distintos: cidades de países desenvolvidos e cidades de países subdesenvolvidos. Nos países desenvolvidos as consequências da urbanização seguem o que Magnani (2002) e outros autores dizem ser o “protótipo da sociedade pós-industrial”. Algumas características desse protótipo são: a criação de não-lugares, que seria o oposto da definição de lugar já exposta aqui, a grande aglomeração de signos e o desenvolvimento de redes e pontos virtuais. Já nas metrópoles do mundo subdesenvolvido, as consequências da urbanização são os crescimentos desordenados, que geram problemas de transporte, saneamento, violência, poluição, moradia, desigualdade social, entre vários outros. Magnani (2002) afirma que, apesar de questões diferentes, todas as metrópoles do mundo capitalista sofrem com a “deterioração dos espaços e equipamentos públicos com a consequente privatização da vida coletiva, segregação, evitação de contatos, confinamento em ambientes e redes sociais restritos, situações de violência, etc” (IBID, p. 12). Como já vimos anteriormente com Ana Fani Carlos (2007), o isolamento da sociedade em espaços privados é uma característica recorrente da vida urbana da atualidade. Apesar de haver uma tendência à homogeneização das grandes metrópoles do mundo capitalista, há uma busca pelas particularidades de cada cidade, pela sua marca, para distinguir as diferentes culturas. Magnani (2002) irá dizer que essa nova tendência de planejamento urbano se chama “planejamento estratégico”. Uma das características desse tipo de planejamento é a associação do poder público e da iniciativa privada para a revitalização de espaços e recuperação de equipamentos históricos. Nesse sistema é comum acontecer o processo conhecido como gentrificação, no qual, por causa de investimento em determinado local, o custo de vida nele se torna mais caro e faz com que antigos moradores precisem se mudar para dar espaço para uma nova classe social, geralmente com poder aquisitivo mais alto. A gentrificação “propõe uma nova dinâmica, principalmente para os centros das cidades, pois, além de adequá-los como lugares de consumo, inaugurou uma nova modalidade de consumo cultural, isto é, *consumo do lugar*” (IBID, p. 13). Esse tipo de planejamento é inteiramente voltado para

satisfazer o capital e faz com que cidades se comportem como empresas privadas, a competitividade passa a energia para esses sistemas. Magnani (2002) irá afirmar que estudar essa conjuntura, a qual as metrópoles estão sendo sujeitadas, é necessário para “delimitar um campo onde se possam apreciar alternativas de análise voltadas para a dinâmica urbana contemporânea” (IBID, p. 14).

Através das entrevistas feitas com os produtores culturais que atuam no Setor Sul, bem como com os seus moradores, é possível perceber que esse processo de gentrificação não acontece ou pelo menos ainda não aconteceu. No Setor Sul o poder público e a iniciativa privada não fazem esforços para renovar o bairro. Apesar de estar previsto no plano diretor vigente a revitalização do bairro.

Tal revitalização está descrita no Capítulo III - *Das áreas de programas especiais*, onde o art. 130 descreve o que são essas áreas. O Setor Sul foi enquadrado como Área de Programa Especial de Interesse Urbanístico, assim como o Setor Campinas e o Centro histórico. Como vimos anteriormente, esses bairros foram os primeiros construídos na capital e fazem parte da história da construção de Goiânia. Com isso, é possível perceber que o poder público tem interesse em recuperar e conservar essas áreas, mas também explorá-las economicamente. O artigo 132 define que “as Áreas de Programas Especiais de Interesse Urbanístico compreendem trechos do tecido urbano sujeitos às ações de requalificação urbanístico-ambiental e econômica, objetivando a valorização de suas peculiaridades e relações”. Além de ser enquadrado como uma área de interesse urbanístico há, também, em outro capítulo do plano diretor, mais uma menção sobre os planos do poder público para o bairro. No Capítulo VI - *Da Estratégia de Gestão Urbana*. O artigo 66 define essa estratégia como: “as estratégias de gestão urbana têm como base às diretrizes de desenvolvimento para o Município, visando o controle social sobre as políticas, os planos, os programas e as ações, numa perspectiva que considere: a articulação, a integração, a participação e parcerias com diversos níveis do poder público, da iniciativa privada e da sociedade civil, a integração em nível interno da administração municipal, em nível externo com os Municípios da Região Metropolitana e a recuperação plena da capacidade administrativa e de planejamento do Município”. Como é possível notar, essa estratégia tem características parecidas com o “planejamento estratégico” citado por Magnani (2002). A Estratégia de Gestão Urbana que está ligada ao Setor Sul é a que está descrita no item VIII, do artigo 66. Esse item diz “reintegrar ao Município, através dos meios legalmente instituídos, todas as áreas públicas, do Setor Sul e do Setor Pedro Ludovico, ocupadas de forma irregular nos parcelamentos

realizados pelo Estado de Goiás”.

3.1 OS ESPAÇOS CULTURAIS E DE LAZER DO SETOR SUL

Como foi visto, não houve um incentivo do poder público para a instalação de espaços culturais e de lazer no Setor Sul. Porém, como citado anteriormente, eles chegaram pelos mais diversos motivos. Um dos espaços mais icônicos da cena cultural de Goiânia está localizado no Setor Sul, o Centro Cultural Martim Cererê - de natureza e gestão pública.

A história desse espaço inicia em 1987, quando Henrique Santillo se tornou governador do estado de Goiás. Havia um espaço que, pertencente à companhia de abastecimento do estado de Goiás, não estava sendo utilizado. Assim, o secretário de cultura da época, Kleber Adorno, designou responsáveis da equipe de planejamento de cultura para investigarem o uso que aquele espaço poderia ter. O responsável por essa equipe, Carlos Brandão, visitou o local e percebeu que só havia duas caixas d'água no local. Ele então convidou um arquiteto para elaborar um projeto para o local, mesmo sem saber se ele se concretizaria, já que precisava de verba do governo para transformar duas caixas d'água em um espaço cultural. O processo para a aceitação do projeto foi longo, o início da concretização do projeto aconteceu quando Brandão descobriu que um ator estava precisando de um local para ensaiar suas peças. Até então, o espaço era chamado de “Novas Águas”, em referência às caixas d'água e ao rio cultural que ele pretendia que aquele espaço se tornasse, porém, com a instalação do grupo teatral no espaço, o local passou a se chamar Martim Cererê, pois era o nome da peça que o grupo ensaiava na época. Agora com um uso já determinado para o espaço, só faltava o apoio do poder público para o projeto se tornar realidade. Quando o grupo de teatro se instalou no local, a estrutura era muito precária. As caixas d'água foram aterradas e um piso de madeira foi colocado, porém nada foi feito. Depois que o grupo já havia se instalado no espaço, Brandão convidou o então governador Henrique Santillo para visitar o lugar. O governador mostrou apoio ao projeto de Brandão e apoiou a construção do espaço cultural.

Em 1988, o Martim Cererê é inaugurado com dois teatros, um teatro de arena e um restaurante. Infelizmente o espaço cultural teve poucos anos de glória após sua inauguração. Em 1991, com a troca de governo, o Martim Cererê perdeu a importância para os investimentos públicos na cultura. Passou a ser usado apenas como um espaço de aluguel para o uso privado. Em 2007, quando Brandão volta a administrar o espaço, o Martim Cererê

começa a ter grande importância no cenário cultural da cidade, se tornando reduto, principalmente, para o Rock na cidade. Dois dos maiores festivais de música independente do Brasil, o Bananada e o Vaca Amarela, tiveram suas primeiras edições realizadas no Martim Cererê, respectivamente em 1998 e 2001. Diversas bandas e espetáculos se fizeram presentes nos palcos do Martim Cererê. No final de 2012, o espaço é fechado para reforma, porém as obras são paradas por falta de dinheiro, fazendo com que ele ficasse fechado por todo o ano. Após a reforma, em 2013, o espaço é reaberto, mas não volta a ter a mesma importância que teve nos anos anteriores à reforma. Outros espaços públicos foram construídos em outros bairros da cidade e, assim, captaram as principais atividades culturais para eles. Atualmente, no Centro Cultural Martim Cererê são oferecidas aulas de teatro, espetáculos e apresentações musicais. Esse espaço foi citado nas entrevistas com os moradores e frequentadores do Setor Sul, todavia ele não está diretamente ligado com o surgimento, que ocorreu nos últimos anos, de espaços culturais e de lazer de caráter privado no Setor Sul.

Esse crescimento de espaços culturais e de lazer no Setor Sul começou por volta do ano de 2012. Um dos primeiros estabelecimentos a se consolidar no setor foi a casa noturna Diablo Pub, inaugurada em 2012 pelos empresários Cristiano Prado e Marlos Miyagi. Sua inauguração teve a intenção de ser palco para a cena do Rock em Goiânia, mesclando um espaço alternativo e *underground*, e se tornando um espaço para a *cena alternativa* de Goiânia. Atualmente a casa está consolidada e possui uma programação ampla, recebendo um público bem diversificado. As quintas-feiras são dedicadas a shows e tributos de rock, nos outros dias o estilo pode variar entre rock, pop e eletrônica. No momento presente a boate também recebe a maior festa de *indie* do país, a Rocknbeats. A Diablo Pub foi uma das primeiras boates a se consolidar no Setor Sul, seguida por outras como a Metrópolis, El Club e Roxy. Além de boates, vários bares e restaurantes também foram criados no Setor Sul, são exemplos: Antigo Armazém, Redneck, Glória, Belgian Dash. O Setor Sul também virou casa para as sedes de vários coletivos, produtoras e espaços de co-working como o Coletivo Centopéia, Casa Aurora e W/A. Esses espaços, além de abrigarem indivíduos que trabalham com artes ou na área cultural, também realizam alguns cursos e palestras, geralmente voltados para as artes, cultura e criatividade. Porém, os espaços que terão mais destaque nesse trabalho são os que possuem múltiplas propostas como o Evoé - Café com Livros, Trip - Música e Artes, Cafofo Estúdio e Imerse. Esses são espaços de convivência e encontro, mas também realizam atividades culturais e festas. A Trip e o Cafofo também foram criados com o intuito de serem estúdios. O Evoé e o Imerse funcionam durante o dia como um café, o Imerse

possui até um estúdio de tatuagem. Para esse trabalho realizamos entrevistas com três agentes culturais do bairro: Juliana Pimentel, da Muvuca Produções; Giovanna Belém, do Evoé - Café com Livros e Eduardo Kolody, da Trip - Música e Artes.

Giovanna Belém diz que a ideia do Evoé é ser um lugar para a “liberdade de criativa”, onde o público se sinta à vontade e acolhido para passar o tempo, marcar encontros e até mesmo estudar. O espaço incentiva quem vai até o local para estudar ou fazer reuniões de diversos segmentos. Do mesmo modo incentiva a troca de experiências, já que ao mesmo tempo em que um artista está se apresentando, ele também pode usufruir de outras obras.

A Muvuca Produções, gerida pela produtora Juliana Pimentel, tem sua sede no Setor Sul, onde planeja atividades culturais por toda a cidade e também realiza esporadicamente eventos no sobrado. A proposta dos projetos da produtora e os eventos realizados por ela têm o intuito de promover expressões culturais e gêneros musicais como a folia, o maracatu e o samba de coco, pouco difundidos. Juliana Pimentel explica que o próprio nome da produtora expressa as intenções dela como produtora cultural. Ela diz que “muvuca”, além de significar “bagunça” no vocabulário informal do português brasileiro, é uma palavra de origem *craô*, que significa “sementes e grãos para reflorestar uma já área devastada”. A produtora cultural afirma também que uma de suas propostas é inserir na cena cultural da cidade essas expressões artísticas pouco conhecidas, dessa maneira o nome escolhido por ela representa bem o que ela busca.

A Trip - Música e Artes, criada em 2016, tinha como objetivo principal ser um estúdio, porém o estúdio ainda não foi concluído. Hoje o espaço funciona como bar, local para realização de cursos e festas.

3.2 A OMISSÃO DO PODER PÚBLICO NO SETOR SUL

Por meio das entrevistas realizadas com moradores e produtores culturais do Setor Sul, é possível notar que os investimentos do poder público que estão previstos no plano diretor não foram consolidados. O plano diretor vigente é do ano de 2007, porém mesmo depois de 10 anos em vigor, as mudanças previstas para o Setor Sul não foram concretizadas. De acordo com Juliana Pimentel, produtora da Muvuca Produções, que tem sede no Setor Sul e realiza eventos no espaço, o poder público não disponibiliza nenhum incentivo para melhorar o bairro e a realidade difere do que foi previsto para o local no plano diretor. Ela afirma que a falta de segurança, que já é uma característica das grandes cidades, é agravada

pelas inúmeras vielas e praças mal cuidadas, pouco ocupadas e iluminadas, que passam a ser uma rota de escape mais fácil para os assaltantes. A falta de policiamento, principalmente nas praças e vielas, também foi apontada como um problema no bairro pelas moradoras Tainá Campanaro e Rosângela da Silva. A não apropriação das praças e espaços públicos também é um ponto mencionado por vários entrevistados. Frequentadora assídua de vários espaços do Setor Sul, Luísa Guimarães relata como uma das principais melhorias que precisam ser realizadas no bairro a recuperação das praças e espaços públicos. A revitalização desses espaços é um dos itens previstos para as áreas de interesse urbanístico, categoria na qual o Setor Sul se enquadra. No entanto, essa revitalização não foi realizada. Além da falta de cuidado com os espaços públicos, a produtora Juliana Pimentel relata que até a limpeza em determinadas áreas desses espaços fica a desejar. Ela conta que para a praça próxima à sede da produtora se manter limpa, ela precisa tomar iniciativa e providenciar a limpeza, pois relata que o órgão da prefeitura responsável pela limpeza não varre a praça.

3.3 ESPAÇOS CULTURAIS E A COMUNIDADE DE MORADORES DO SETOR SUL

Magnani afirma que, ao debater sobre as grandes cidades e suas problemáticas, alguns pontos são sempre levantados. Um deles é a ausência da participação da comunidade. Quem toma as decisões sobre as diretrizes que a cidade irá tomar geralmente são grupos políticos, elites, o mercado imobiliário e empresas privada. Com a criação de Goiânia e do Setor Sul não foi diferente, todas as decisões e ações foram planejadas e implementadas pelo poder público sem que a comunidade pudesse participar. No entanto, atualmente a inserção de espaços e eventos culturais no Setor Sul não tem sido incentivada pelo poder público. Ao mesmo tempo, também não é um movimento que integra toda a comunidade. A gestora da Cafeteria Evoé, Giovana Belém, afirma que o público do espaço que ela administra é bem amplo. Na pesquisa de campo, realizada nos dias 18/11/2017 e 06/12/2017, foi possível comprovar isso. O público é majoritariamente formado por jovens universitários aproximadamente entre 18 e 25 anos. Embora pessoas de várias faixas etárias frequentem o espaço. Na primeira visita havia algumas mesas de mulheres de meia idade e uma mesa com uma família. No dia da segunda visita havia um público mais eclético ainda. Por ser um dia de semana, sem taxa de entrada, várias pessoas se reuniam no espaço para reuniões de trabalho ou estudo e confraternizações após o expediente de trabalho. Havia três mesas com pessoas de meia idade, uma mesa com meninas adolescentes, já o restante das mesas eram de

jovens entre 18 e 25 anos. A gestora Giovana afirma que o público alvo do espaço são jovens universitários, mas que atende a diversos públicos. Ela citou alguns exemplos de público como os trabalhadores de firmas e comércios da região, senhoras da terceira idade que moram no bairro e até mesmo adolescentes. Por ser considerada uma cafeteria, não há restrições para menores de idade. Eles controlam a entrada desses menores através de pulseiras, que os impedem de consumir bebidas alcoólicas. Além de uma cafeteria, é um espaço onde são realizados diversos tipos de eventos culturais como apresentações musicais, performances, exposições, lançamentos de livros e palestras. Por isso, acaba se tornando uma opção de lugar para os menores de idade se encontrarem e terem acesso a um ambiente de cultura e lazer. Apesar do espaço Evoé Café com Livros ser frequentado por moradores, esse não é o seu público alvo. As entrevistas realizadas com os moradores apontaram esse fato. A moradora Tainá costumava frequentar alguns espaços como o Centro Cultural Martim Cererê e alguns bares e boates, como a casa noturna Metrópolis. Entretanto, não frequenta mais por não gostar da programação cultural apresentada ultimamente nesses espaços. Apesar do crescimento de espaços e atividades culturais e de lazer no bairro não terem sido resultado de um esforço do poder público, também não ocorreu por uma mobilização dos moradores, mas por pessoas que enxergaram no Setor Sul um potencial para a criação desses espaços.

3.4 PÚBLICO ALVO

Ao questionar os agentes culturais sobre o fato de o Setor Sul ser considerado um bairro voltado para um público “alternativo”, eles concordaram. A produtora Juliana Pimentel acredita que esse rótulo vem se desenvolvendo ao longo da história do bairro. Como a família dela possui um sobrado que realiza eventos culturais no bairro há décadas, ela diz que a vida cultural do bairro vem acontecendo há muitos anos: “É uma questão histórica, a meu ver, eu que tive essa história da família, então pude ver que desde sempre foi o movimento mais alternativo no Setor Sul”. Ela acredita também que o Setor Sul possui espaços de cultura alternativa, mas também tem desenvolvido o lado comercial e comenta (*ipsis litteris*): “hoje em dia mesmo os bares que são considerados alternativos mais fortes da cidade a maioria está no Setor Sul. Na verdade está ficando totalmente comercial lá”. A gestora do espaço Evoé Café com Livros, Giovana Belém, e o gestor do espaço cultural Trip Música e Artes, Eduardo Kolody, acreditam que o Setor Sul possui imóveis ideais para a criação de espaços culturais, pois são ociosos, amplos e com preços acessíveis. Eduardo Kolody diz (*ipsis*

litteris): “o Setor Sul possui uma paisagem urbanística diferenciada que estimula o tipo de proposta da Trip, além da possibilidade de imóveis que atendem as exigências para um empreendimento desse porte”.

3.5 “DE PERTO E DE DENTRO” E “DE FORA E DE LONGE”: DEFINIÇÕES PARA UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA

É possível perceber, com a dinâmica estrutural que ocorreu com a criação do Setor Sul, que embora existam os elementos comuns da globalização, cada cidade e lugar possuem suas particularidades, principalmente no que tange às intervenções tanto do poder público como da iniciativa privada. Magnani (2006) defende que por meio da antropologia, mais especificamente de estudos etnográficos, é provável olhar mais a fundo e descobrir características distintas. O autor (2006) diz que a “especificidade do conhecimento proporcionado pelo modo de operar da etnografia e que – de acordo com a hipótese que está sendo trabalhada – permite-lhe captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números” (MAGNANI, 2002, p. 16). Mediante um estudo de campo e entrevistas, foi possível notar acontecimentos específicos do lugar pesquisado, assim “o que propõe inicialmente com o método etnográfico sobre a cidade e sua dinâmica é resgatar um *olhar de perto e de dentro* capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste, qualifiquei como *de fora e de longe*” (IBID, p. 17).

O autor (2002) faz essa divisão de estudo de “olhar de perto e de dentro” e “olhar de fora e de longe” para diferenciar dois tipos de estudos distintos. Os estudos que ele chama de “olhar de fora e de longe” são mais generalizados, ele aponta que esse tipo de estudo “dá pouca relevância àqueles atores sociais responsáveis pela trama que sustenta a dinâmica urbana” (IBID, p. 18). Ele afirma que partir desse ponto de vista para estudar grandes metrópoles, acaba levando em consideração mais os padrões do que a diferença e as “hibridizações”. Esses estudos mais generalizados geralmente possuem uma temática que envolve a globalização e problemáticas enfrentadas pelo grande adensamento populacional. Para a realização de estudos etnográficos, Magnani (2002) diz que é necessária a “ideia de totalidade como pressuposto”, não significando que para se estudar dinâmicas urbanas é preciso estudar a cidade como um todo, pelo contrário, é necessário ter um objeto mais específico. Ainda afirma que não é possível fazer etnografia em uma área tão extensa e

populosa, porém ele reforça que também não é necessário um “mergulho na fragmentação”. Magnani (2002) afirma que “uma totalidade consistente em termos da etnografia é aquela que, experimentada e reconhecida pelos atores sociais, é identificada pelo investigador. E conclui que não se pode contar com uma totalidade dada a priori, postula-se uma a ser construída a partir da experiência dos atores e com a ajuda de hipóteses de trabalho e escolhas teóricas” (IBID, p. 20). O autor explica que para realizar um estudo etnográfico é preciso um recorte, seja de um grupo ou um determinado lugar, mas onde seja possível ver a dinâmica entre os personagens e o local. A visão do pesquisador não pode ser muito restrita, pois dessa maneira só será possível enxergar o ponto de vista de um indivíduo, mas também não pode ser muito abrangente, a ponto de não conseguir se manter em um recorte e em um lugar. Para criar uma etnografia baseada no “pressuposto de totalidade” descrito pelo autor, ele irá descrever algumas categorias “para identificar essas regularidades e poder construir, como referência, algum tipo de totalidade no interior da qual seu significado possa ser apreciado, é preciso contar com alguns instrumentos, algumas categorias de análise” (IBID).

Essas categorias, de acordo com Magnani (2002), são modelos que podem ser utilizados em diversos estudos etnográficos para descrever a dinâmica que ocorre no objeto que está sendo estudado. Magnani (2002) criou uma série com algumas categorias para ajudar a descrever um de seus estudos etnográficos. Essas categorias serão apresentadas aqui e servirão como guia para a realização dessa pesquisa, sendo elas: pedaço, trajeto, mancha, pórtico e circuito.

O autor (2002) descreve o *pedaço* como “quando o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (IBID, p. 21). Magnani (2002) conta que a definição de pedaço é formada por dois elementos principais: ordem espacial e ordem social. Sendo a ordem espacial um determinado território e a ordem social as dinâmicas das relações que acontecem nesse território. Para definir quem pertence a determinado pedaço, além de frequentar o local, precisa possuir um tipo de comportamento específico para ser visto como membro do pedaço por todo o grupo. Magnani (2002) afirma que o pedaço é o lugar que está entre a “rua” e a “casa”, é o lugar que media a vida privada com a vida coletiva. A vida privada das pessoas se resume à família, a vida coletiva é repleta de estranhos. O *pedaço* seria o “lugar dos conhecidos”, não são parentes próximos, porém também não são completamente estranhos. De acordo com Magnani (2002), essa descrição de *pedaço* como “lugar dos conhecidos” é aplicável em regiões residenciais. Em outras regiões,

a noção de pedaço sofre algumas alterações em relação à noção explicada anteriormente. Nesses locais, as pessoas não precisam necessariamente se conhecer, o que é levado em consideração nesses ambientes é o reconhecimento dos membros do pedaço através de símbolos, hábitos, ideologias, entre outros aspectos. Nesse caso, pessoas de diferentes áreas da cidade, mas que se identificam com um determinado grupo ou estilo procuram esses pedaços, que podem estar localizados em pontos diversos da cidade, para encontrarem outros atores sociais que dividam os mesmos gostos, dessa maneira “a categoria pedaço revelou-se útil para descrever uma forma de sociabilidade em outro contexto que não o de sua origem” (IBID, p. 22).

As *manchas* são “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual em sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante” (IBID). A *mancha* é um conjunto de equipamentos do mesmo segmento, que estão localizados em uma determinada área, que criam pontos de referência para certos tipos de atividades e grupos. O que delimita o espaço do pedaço são as relações entre seus integrantes, pois o espaço físico em si pode ser alterado com facilidade. Já a *mancha*, por ser formada por vários equipamentos posto que “apresenta uma implementação mais estável tanto na paisagem como no imaginário” (IBID, p. 23). No pedaço as pessoas já estão cientes que encontrarão certo grupo. Na *mancha* há a possibilidade de encontros não esperados, pois nela sabe-se o tipo de público que será encontrado, mas não é possível saber exatamente quais pessoas, por se tratar de um espaço mais amplo e mais acessível para o trânsito de diferentes pessoas.

Os *pedaços* e *manchas* não são pontos isolados nas cidades, as pessoas podem transitar entre diferentes *pedaços* e *manchas*. Por mais que uma pessoa frequente sempre o mesmo lugar, essa pessoa não seguirá um caminho aleatório, esse caminho já estabelecido é chamado de *trajeto* por Magnani (2002). O autor diz que enquanto o *pedaço* se remete a um ponto de referência, o *trajeto* é mais fluído, o “*trajeto* aplica-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das *manchas* urbanas” (IBID). Os *trajetos* podem tanto ligar diferentes áreas como diferentes *manchas* ou podem ligar diferentes equipamentos dentro da mesma *mancha*. Enquanto o *pedaço* é a mediação entre a vida particular e a vida pública, o *trajeto* é o mediador do pedaço para a esfera pública.

No percurso dos *trajetos* há os *pórticos*. De acordo com Magnani (2002), *pórticos* são vácuos urbanos que servem como lugares de passagem. São lugares que não fazem parte a nenhuma *mancha*.

A última categoria descrita por Magnani (2002) nesse texto é a do *circuito*. Ele afirma que “trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais: por exemplo, o circuito gay” (IBID). A definição de *circuito* também está relacionada ao espaço, porém não depende tanto de um local físico como nas definições de *pedaço e mancha*. Entretanto, mesmo não estando tão vinculada a um espaço físico, a noção de circuito pode ser situada, descrita e estudada da mesma maneira que as outras categorias. O circuito pode ser alterado, incluindo ou excluindo determinados grupos de acordo com o recorte dado pelo pesquisador.

Levantar essas categorias descritas por Magnani (2002) ajudará a compreender as dinâmicas que acontecem no Setor Sul em torno dos espaços culturais e de lazer. Como já foi dito acima, a criação de espaços de cultura e lazer no bairro, nos últimos anos, foi um movimento de pessoas que queriam ambientes diferenciados dos que já existiam na cidade e encontraram no Setor Sul um local propício para a realização desses projetos. Para definir o estilo do público desses lugares, a palavra que foi dita repetidas vezes, tanto pelos produtores como pelos próprios frequentadores, foi a palavra “alternativo”. De acordo com o dicionário Michaelis, alternativo significa: “indivíduo que adota um estilo de vida e pensamento que se opõe aos valores e costumes impostos e valorizados pela sociedade de consumo.” O autor João Henrique Thomé Santiago(2017), em seu texto “Referenciais identitários e internet: a formação de neotribos urbanas a partir do Goiânia Noise Festival” analisa o público de um dos maiores festivais de música de Goiânia. Santiago (2017) afirma que bandas e grupos musicais considerados alternativos são aqueles que produzem músicas que destoam das outras que estão inseridas no mesmo gênero musical. No universo da música, “alternativo” aparece também como um termo para caracterizar além dos artistas, mas também

a criação de infraestruturas próprias (como a aparição de gravadoras, produções de shows e surgimento de canais de comunicação) por parte de artistas e grupos marginalizados pela indústria fonográfica envolve, quase sempre, renascimentos e transformações ecléticas de outras formas musicais mais antigas. Esses grupos, suas estruturas e o processo de reinvenção por eles realizado caracterizam o termo “alternativo” na música. (SANTIAGO, 2017, p.69).

Apesar de expressar o termo “alternativo” sempre relacionado à música, é possível perceber uma constante em relação ao termo: é utilizado no sentido de ser diferente ao que já

se encontra estabelecido.

De acordo com a gestora do espaço Evoé Café com Livros, Giovana Belém, ela enxerga os espaços culturais do setor sul como uma alternativa aos shoppings centers. Como já foi apontado anteriormente, a tendência da sociedade dos grandes centros urbanos contemporâneos é dar preferência para a sociabilização em espaços fechados. Em cidades violentas, como as brasileiras, a procura por espaços fechados também acontece pela sensação de maior segurança. Com isso, os parques e praças passam a ser cada vez menos utilizados e os shoppings centers atraem cada vez mais pessoas. O shopping, apesar de ter como função principal a venda e o consumo de bens, também possui uma função de ponto de encontro. Giovana Belém afirma que espaços como o Evoé passam a ser uma opção de lugar para o encontro de pessoas e grupos, fazendo com que elas tenham alternativas além do shopping. Para Belém, é importante existirem lugares de encontro que não estejam atrelados à cultura do consumo. Além da ruptura com a cultura do consumo, o público frequentador dos espaços culturais e de lazer do Setor Sul também é alternativo a padrões e estereótipos homogêneos. Durante as visitas feitas nos espaços Evoé Café com Livros, Imerse e Trip, foi possível perceber uma concentração grande da comunidade LGBT. Ao analisar a programação desses e de outros espaços, é possível notar que quando há uma programação musical encontram-se diversos gêneros musicais, no entanto algo é comum a todos eles: não se toca sertanejo, um dos gêneros de maior popularidade e influência na capital. Com essas observações, é possível notar que o Setor Sul é um aglomerado de espaços que buscam esse estilo de vida “alternativo”. Alternativo à cultura de massa dominante da capital.

3.6 CONCEITO DE IDENTIDADE

O conceito de identidade é amplamente estudado e discutido. Stuart Hall (2011) é um dos autores que mais discute essa concepção, tendo descrito várias definições. Hall (201) irá dizer que a concepção sociológica de identidade é o que

preenche o espaço entre o *interior* e o *exterior* - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os *parte de nós*, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura. (HALL, 2011, p. 12).

As questões sobre identidades não serão analisadas a fundo nesse projeto, pois a intenção desse trabalho é aprofundar nas relações com o espaço. No entanto, o que é necessário saber sobre a identidade é que é através dela que um indivíduo se expressa e se comporta perante os outros. As identidades culturais estão cada vez mais fragmentadas, sendo assim uma pessoa pode possuir diversas identidades ao mesmo tempo, elas podem ser relacionadas às culturas étnicas, raciais, religiosas, linguísticas, entre outras.

É através da identidade que um indivíduo se sentirá pertencente a um determinado grupo. Os integrantes dos grupos desenvolvem (ou possuem) características e comportamentos, criando assim uma identidade que remeterá a cada grupo. As identidades fazem com que as pessoas se sintam parte de um lugar específico. Com a urbanização crescente e a globalização presente nas sociedades urbanas atuais, novos tipos de relações entre membros da sociedade são criadas. Nessas sociedades há cada vez mais grupos, criando, assim, um amplo campo para pesquisas que envolvem identidade.

As subculturas surgiram na década de 1960, com a revolução musical que ocorria na época. Jovens de países que sofreram diretamente com a segunda guerra mundial buscavam através dessas subculturas um novo estilo de vida. Vários grupos surgiram nessa época: punks, hippies, teddys, cada um com sua particularidade, porém todos buscavam uma vida mais libertadora. Os autores e escolas da época buscavam estudar a relação do contexto histórico com o desenvolvimento dos grupos. Com o passar dos anos, esses grupos passaram a ser estudados e várias teorias e definições foram criadas. É interessante ressaltar que tais grupos, apesar de terem sido formados inicialmente por jovens, não se organizam necessariamente em torno da faixa etária, outros aspectos como classe social, ideologia política, gosto musical e profissão são considerados. Esses grupos surgem como uma forma de resistência contra a cultura hegemônica e como resposta às questões econômicas, políticas, históricas e sociais da época.

A teoria da subcultura também enfrentou críticas. Alguns autores achavam que apesar das subculturas terem nascido com a intenção de ir contra uma cultura dominante, elas também se tornaram dominadoras e normalizadoras: “a abordagem da teoria das subculturas agrupa os jovens numa lógica de normalização, quando hoje vivemos num contexto de diferenciação” (GUERRA; QUINTELA, 2016, p. 199).

A concepção de subcultura definia com coerência o movimento que ocorreu entre as décadas de 1960 e 1980, no entanto a partir da década de 1990 esse conceito começa a não condizer mais com a nova realidade das sociedades contemporâneas. Com a crescente

globalização e com as novas mídias surgindo com rapidez, grandes mudanças começam a aparecer. Com isso, os termos “tribo” e “neo-tribalismo” surgem para ampliar o debate sobre as culturas e relações juvenis e urbanas. Esses termos buscam abarcar um novo contexto social, o desenvolvimento de comunidades emocionais nas sociedades atuais, que foram geradas pela ânsia de pertencimento, diante de uma conjuntura fluída. Diferente das subculturas, que tinham características, comportamentos e até mesmo indumentárias bem definidas e com poucas alterações, as tribos são mais abertas a novidades e transformações. “Diferentemente do que aconteceu entre os anos 50 e 80 do século XX, os jovens não se confinam, nem mantêm fidelidade a um só estilo, são influenciados por vários e tendem a construir um estilo pessoal dentro dessa panóplia optativa, estilo que é particularmente influenciado pelos gostos musicais e pelas sociabilidades com pares” (IBID, p. 201).

3.7 AS CATEGORIAS E A IDENTIDADE NO SETOR

Com as categorias de Magnani (2002) e a concepção de “tribo” apresentadas, será possível investigar as alterações na dinâmica ocorrida no Setor Sul. Após a pesquisa, é possível notar que o Setor Sul funciona como uma *mancha* de lazer para o público alternativo. Bares, boates, galerias, cafeterias, espaços culturais, casas de coletivos, produtoras, entre outros estabelecimentos foram criados em uma determinada área, que funciona como ponto de referência para o público que pretende fugir das opções padrões - já estabelecidas em outros pontos da cidade. Essa *mancha* formada no Setor Sul é frequentada por um público amplo, Magnani (2002) diz que uma das principais dinâmicas de uma *mancha* é o encontro inesperado, o indivíduo sabe o que esperar desses lugares, mas não sabe exatamente o que será encontrado. No Setor Sul, espera-se encontrar pessoas que estejam fugindo do óbvio, mas é possível encontrar pessoas com objetivos e vontades bem diferentes no mesmo espaço físico. Com isso, é possível notar como a definição de *tribo* se encaixa com o grupo de pessoas que frequentam a *mancha* de lazer do Setor Sul. Pela definição de *tribo* não ser engessada como a de subcultura, pode abrigar pessoas de diferentes faixas etárias, gosto musical, ideologia política, estilo de vida, enfim, agrupo de pessoas com características diferentes em volta de uma determinada *mancha* que tem a proposta de ser uma opção alternativa das outras espalhadas pela cidade.

CONCLUSÃO

Esse trabalho buscou investigar as relações presentes entre a comunidade do Setor Sul e o espaço, tendo como base para as discussões os espaços culturais e de lazer do bairro. Através de um apanhado histórico sobre o estado de Goiás e a cidade de Goiânia, foi possível perceber as ideologias e concepções que guiaram a construção de Goiânia e do Setor Sul. Os idealizadores de Goiânia queriam construir uma nova capital para o estado de Goiás, que fosse o símbolo de uma nova era, com novos ideais políticos e econômicos. A modernidade foi o conceito que guiou a construção da nova cidade, nesse trabalho foi apresentado o conceito de modernidade e como ele se enquadra no contexto da construção de Goiânia. Além do conceito de modernidade, o presente trabalho abordou vários outros conceitos, estudados durante o curso de Produção Cultural, que auxiliam a investigar o objeto de estudo escolhido: o Setor Sul. A definição de lugar também foi discutida nesse trabalho para ser possível entender como são as relações entre espaço e indivíduos. Conceitos da antropologia também foram utilizados para discutir e analisar o movimento cultural presente no Setor Sul.

Apesar do Setor Sul ter sido construído em um estilo urbanístico modernista, que exaltava o convívio em comunidade, esse projeto nunca foi implementado corretamente, com isso o bairro virou uma área de espaços subutilizados. Foi visto que o poder público em nenhum momento criou uma proposta efetiva para a revitalização do bairro, pelo contrário, muitas vezes dificultou a viabilização de eventos e manutenção dos espaços. Todas as intervenções feitas foram isoladas, paliativas e sem continuidade. Mesmo sem nenhum incentivo do poder público, houve uma crescente instalação de espaços culturais por suas características particulares como: a localização centralizada, sua história e preços de imóveis acessíveis.

Com o crescente número de espaços culturais e de lazer instalados no bairro, o Setor Sul se transformou em uma *mancha* de lazer. Como esses espaços foram criados com propostas de inovação, para trazer uma opção diferente dos outros espaços já consolidados na cidade, a palavra “alternativo” apareceu em diversas falas para defini-los, bem como para definir o seu público alvo. É interessante notar a questão da identificação com um grupo específico. Apesar dos espaços e o público serem identificados como alternativos pelos

produtores e até mesmo pela mídia, foi possível perceber que os frequentadores e os produtores não se identificam com esse grupo “alternativo”. Foram feitas entrevistas com frequentadores e produtores culturais dos espaços, apenas uma frequentadora, das oito pessoas entrevistadas como frequentadoras, e a produtora da Muvuca Produções, os outros dizem não se identificar com nenhum grupo ou tribo específico. Os espaços são considerados “alternativos” por se enquadrarem no conceito que esse termo abarca, no entanto, o fato das pessoas não se identificarem com esse conceito é uma questão interessante a ser levantada e debatida em pesquisas e trabalhos futuros.

Neste trabalho não foi possível dar a ênfase necessária à relação entre os moradores do Setor Sul e os espaços culturais, porém foi constatado que apesar dos espaços não terem como público alvo os moradores do Setor Sul, esses espaços buscam manter uma boa relação de respeito com os moradores.

Como esse trabalho é para a conclusão do curso de bacharelado em Produção Cultural, acredito ser importante mencionar o curso em minhas considerações finais. A abrangência de várias áreas de estudo que o curso de Produção Cultural contempla foi essencial para a realização desse trabalho. O curso é formado por disciplinas que abrangem áreas como história das artes, antropologia, sociologia, políticas, entre várias outras. Um produtor necessita de uma formação ampla para realizar suas atividades, já que seu trabalho é diversificado. O conhecimento adquirido em diversas disciplinas foi essencial para desenvolver esse estudo. Uma pessoa ao passar por um curso de Produção Cultural se prepara para ser um profissional com potencial para ajudar a sociedade. Acredito que produtores culturais possuem todo o potencial e devem, se possível, realizar estudos como este para auxiliarem na criação de projetos que busquem o desenvolvimento da cidade, possibilitando a melhoria do espaço e da interação entre a comunidade. Após realizar esse estudo sobre o Setor Sul, consegui perceber pontos que podem ser melhorados por meio do trabalho de produtores culturais, seja através da criação de mais espaços que se incluam na *mancha* do Setor Sul ou na realização de eventos culturais nas áreas verdes do bairro, contribuindo com a ocupação de espaços esquecidos.

REFERÊNCIAS

BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CHAUL, N. N. F. Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Editora da UFG, 2001.

DAHER, T. **Goiânia, uma utopia europeia no Brasil**. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2003.

GOIÂNIA. **Lei Complementar nº 171**, de 29 de maio de 2007, dispõe sobre o Plano diretor e o processo de planejamento urbano do Município de Goiânia e dá outras providências. Disponível em:
<https://www.goiania.go.gov.br/Download/seplam/Colet%C3%A2nea%20Urban%C3%ADstica/1.%20Plano%20Diretor/1.%20Plano%20Diretor%20-%20Lei%20Comp.%20171.pdf>

GUERRA, P. QUINTELA, P. **Culturas urbanas e sociabilidades juvenis contemporâneas: um (breve) roteiro teórico**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, 47, 1, p. 193-217, jan/jun2016.

GONÇALVES, A. R. **Goiânia: Uma modernidade possível**. Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LEFEBVRE, H. **Introdução à Modernidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1969.

MAGNANI, J. G. C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, nº 49, São Paulo: ANPOCS, 2002.

SANTIAGO, J.H.T. Referenciais identitários e internet: a formação de neotribos urbanas a partir do Goiânia Noise Festival. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2017.

SANTOS, M. **O lugar: encontrando o futuro**. Disponível em:
<https://rigs.ufba.br/index.php/rua/article/viewFile/3113/2230>

SILVA, C. A. O. Revitalização e preservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico do centro de Goiânia. Dissertação de mestrado. Goiânia: UFG, 2006.

APÊNDICE

ENTREVISTAS

Você se identifica com algum grupo/tribo específico?

Fale um pouco sobre a ideia de criar o espaço. Qual era o seu objetivo inicial?

- Esse objetivo foi alterado ou concretizado?

- Quais os seus maiores desafios?

Quais tipos de eventos são realizados no espaço?

Há quanto tempo atua no Setor Sul?

Porque escolheu o Setor Sul para realizar seus projetos culturais/montar um espaço cultural? Você acredita que o Setor Sul possui uma fama de “bairro alternativo”? O que você acredita que motivou isso?

Houve algum incentivo do poder público que auxiliou a escolha desse bairro para a realização das suas atividades?

Qual o público alvo do seu espaço?

Como vocês realizam a divulgação dos seus eventos culturais?

Se fosse possível, gostaria de trabalhar em outro bairro?

O que você acha da relação entre os moradores do Setor Sul com os espaços e eventos culturais do bairro? É possível melhorar? Como?

O que você melhoraria no bairro?

Descreva o Setor Sul em uma palavra

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA MORADORES

Há quanto tempo mora no Setor Sul?

Você sabe algo sobre a história e o projeto urbanístico do bairro?

Porque escolheu esse bairro para morar?

Já pensou em se mudar para outra localidade? Se sim, o que te motivou a fazer essa escolha?

Ao seu ver, quais as principais vantagens e desvantagens de morar nesse bairro?

O que você acha que poderia melhorar no bairro?

Quem seria o responsável por essas melhorias: poder público, comunidade ou ambos?

Você conhece algum espaço cultural no Setor Sul ou evento que é realizado no Setor Sul?

Qual a sua opinião sobre os espaços culturais e de lazer que se instalaram no Setor Sul?

Você costuma frequentar esses espaços? Por quê?

Caso a resposta seja negativa: O que te motivaria a frequentar esses espaços?

Modelo: Entrevista semi-estruturada

FREQUENTADORES

1- Profissão

2- Você se identifica com algum grupo/tribo específica?

3-Quais lugares/eventos costuma frequentar no Setor Sul?

4- Há quanto tempo frequenta esses espaços?

5- Com que frequência vai a esses lugares/eventos?

6- Como conheceu esses lugares/eventos?

7- Como fica sabendo da programação deles?

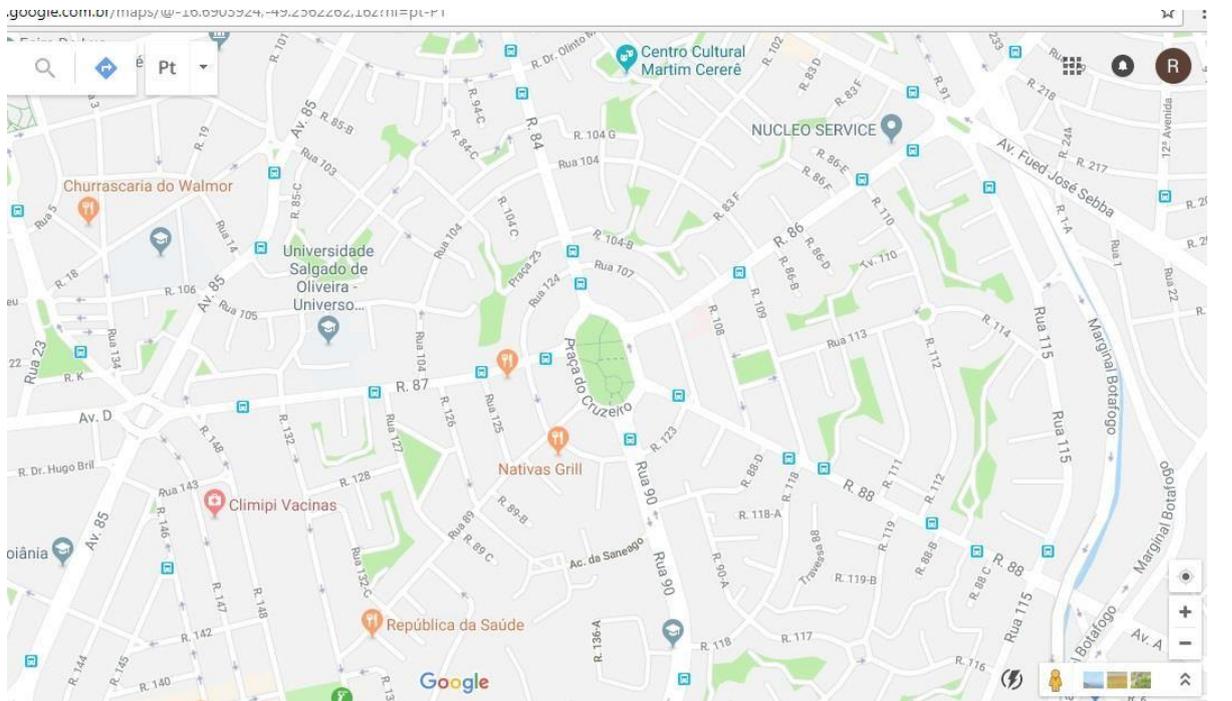
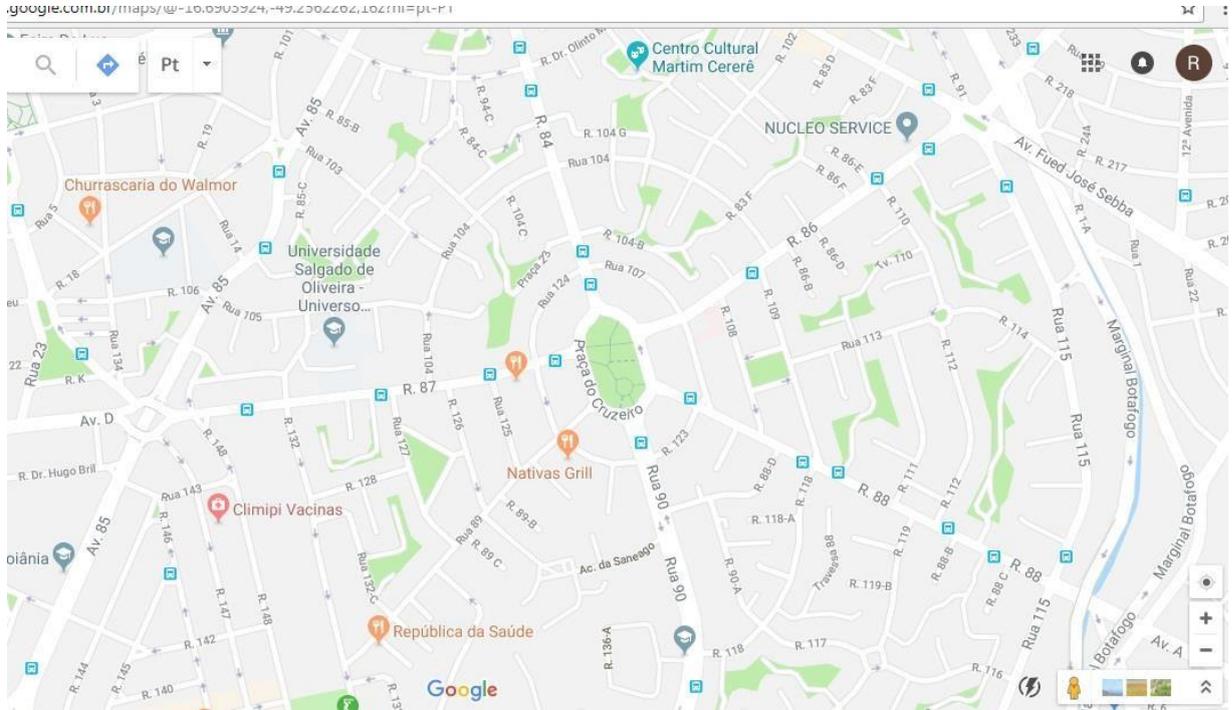
8- O que te motiva a continuar frequentando esses lugares?

9- Acredita que esses espaços/eventos precisam de melhorias? Se sim, quais?

10- Descreva o Setor Sul com uma palavra

ANEXOS

ANEXO A – Mapa do Setor Sul



ANEXO B – Material de divulgação da Muvuca Produções

IV MUVUCA FESTIVAL
DOMINGO 11/06 14:00 HORAS - LITERATURA

Hector Ângelo
Escritor Mirim

Heitor Vilela
Rabiscos e Escarros

Pedro Ivo
Cerrado na Escola

MEDIADOR
Gestão e Produção de Projetos Culturais

Rafael Blat

COLABORAÇÃO: **COLÔMBINA** **OBSOLETO** **SAPADA** **ÓZ OUTROS** **PREFEITURA DE GOIÂNIA** **Goiânia Instituto de Cultura e Arte**

IV 10 E 11 DE JUNHO 2017

MUVUCA
FESTIVAL

Entrada Franca

Rua Dona Maria Joana - St. Sul Goiânia-GO

ANEXO C – Material de divulgação Evoé - Café com Livros

AGENDA
evoé

QUARTA
CASA ABERTA
ENTRADA GRATUITA E CAFÉ GRATUITO PARA REUNIÕES E ESTUDO

QUINTA
DIA DO VINHO
ENTRADA GRATUITA E TÇ VINHO \$8

SEXTA
EVOE JAZZ
TUPY JAZZ
\$10 20H30

SÁBADO
LANCAMENTO EP PERTENCER
NATÁLIA CARREIRA (DF)
SHOW DE ABERTURA ANINHA TELES (GO)
\$10 21H

DOMINGO
EXPO
PONTO DE ORIGEM
NUPAA (NÚCLEO DE PESQUISA PRÁTICAS ARTÍSTICAS AUTOBIOGRÁFICAS) FAV-UFG
ENTRADA: GRATUITA
17H

AGENDA
evoé

QUARTA
- BATE PAPO -
PSICOLOGIA NA ESCOLA
UM AMBIENTE DE (A)DIVERSIDADE.
ENTRADA: GRATUITA

QUINTA
- EXPOSIÇÃO -
MINI CONTOS AMBULANTES
PRISCILA MACHADO
ENTRADA: GRATUITA

SEXTA
EVOE JAZZ
MATHEUS GUERRA QUARTETO
\$10

SÁBADO
PARADIGMA DOS 60'S
EXPOSIÇÃO / SHOW / PERFORMANCE
\$10

DOMINGO
TROCA COLETIVA
COLETIVO 489
ENTRADA: GRATUITA

ANEXO D – Material de divulgação Trip

Agenda Trip

#ANOTAÍ

24 **SEXTA - ENTRADA FREE**
BLACK FRIDAY NA TRIP
BEBIDAS SUUUUPER BARATAS + DISCOTECAGEM

25 **SÁBADO - R\$20***
FESTA OPEN BAR

26 **DOMINGO - R\$5***
BANDA CORÓ DE PAU + DISCOTECAGEM
SAMBA E FORRÓ

T
TRIP

*com nome na lista/até certo horário/confirmar presença no Facebook (conferir nos eventos)



Trip
@TRIPmusicaeartes

- Página inicial
- Publicações
- Avaliações
- Vídeos
- Fotos
- Sobre
- Comunidade
- Eventos

👍 Curtir 📌 Seguir 🗨️ Recomendar ⋮

Trip adicionou um evento.
16 de novembro às 16:01 · 🌐

O Elysium é um evento mensal voltado ao público que gosta de jogos, especialmente RPG, Boardgames e Cardgames.

A entrada é gratuita e outras manifestações do universo geek/nerd são bem vindas, como a Mandrake Comic Shop e a Kimeron Miniaturas, que montam banquinhas de venda e ainda cedem algumas brindes que são sorteados no evento.

E como faz pra jogar?... Ver mais



DEZ
17

Elysium #5
Dom 15:00 - Trip - Goiânia, Goiás
Thays e 8 amigos curtiram este local

★ Tenho interesse

ANEXO E – Chamadas de reportagens sobre a vida cultural do Setor Sul:
<http://www.areverbera.com.br/o-que-fazer/role/um-role-alternativo-pelo-setor-sul-o-mais-hipster-dos-bairros/>

Sobre Nós Contato



AGENDA O QUE FAZER CINEMA PARABÓLICA CRÔNICAS COLUNISTAS ▾ ACADÊMICA

UM ROLÊ ALTERNATIVO PELO SETOR SUL, O MAIS HIPSTER DOS BAIRROS DE GOIÂNIA

Reverbera

ROLÊ

Endereços que tornam o Setor Sul um dos bairros mais interessantes de Goiânia

Não tenha dúvidas de que o Setor Sul é um dos bairros mais plurais da cidade. Confira:

